

8º Colóquio do PPLB - RESUMOS

Adriana Mello Guimarães/ Luiz Alberto Cerqueira Instituto Politécnico de Portalegre / UFRJ

Um intelectual da corte portuguesa no Rio de Janeiro: Silvestre Pinheiro Ferreira

Em setembro de 1813, O Patriota, editado no Rio de Janeiro, primeiro periódico brasileiro a dedicar atenção estrita ao caráter científico de suas matérias informativas, anunciou o início da publicação de uma obra prevista em fascículos, da autoria de Silvestre Pinheiro Ferreira, e subordinada ao título Preleções filosóficas sobre a teórica do discurso e da linguagem, a estética, a diceósina e a cosmologia, sobre a qual o editor do jornal ressaltou seu positivo “sentimento acerca de um plano tão acertado, e da esperança de um completo desempenho, fundada nos grandes conhecimentos e vigorosa metodologia do autor”, além de esclarecer que se abstinha de fazer “elogios, tanto mais porque aparecendo em muitos números memórias deste profundo literato, poder-se-à recear que a minha gratidão me torne suspeito”. Na verdade, esta publicação corresponde ao primeiro curso de filosofia moderna no Brasil, oferecido no âmbito das atividades culturais mais avançadas da corte portuguesa transferida para o Rio de Janeiro desde 1808.

Qual o perfil intelectual de Silvestre Pinheiro Ferreira? Qual o significado do seu magistério no Rio de Janeiro? Qual o legado de Silvestre Pinheiro à cultura brasileira? Não obstante o interesse que estas questões podem suscitar, importa destacar, de antemão, que a sua presença no Rio de Janeiro provocou um certo impacto na vida intelectual da terra.

Adriana Olinto Balleste

Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT

Transformações no ambiente musical no Rio de Janeiro no século XIX revelado a partir de relatos de época

Com a vinda da corte portuguesa para o Rio de Janeiro, em 1808, a vida musical pulsa mais fortemente e as trocas de influências culturais entre metrópole e colônia se intensificam.

Após a independência, com a permanência dos herdeiros do trono português no Brasil, essas trocas entre os dois países são mantidas suscitando a circulação de novas ideias. Na música, gêneros musicais, como a modinha e o lundu, passeiam entre os dois continentes, são ouvidos nos salões nobres e nas casas populares, nos teatros e nas reuniões sociais, no piano e no violão. No Brasil multiplicam-se os músicos, os amantes de música, os professores e com isso cresce a procura por instrumentos musicais, partituras, métodos de estudo, dicionários musicais e as primeiras edições de música. Procuramos contextualizar e demonstrar essas afirmações utilizando as seguintes fontes históricas: relatos históricos, literatura, periódicos de época, documentos arquivísticos, iconografia e métodos de estudo.

Albertina Ruivo

Paris 3-CREPAL/UNL-CHAM

“A arte fonsequiana de andar pelas ruas do Rio de Janeiro, ou o desencontro com a “cidade maravilhosa” da primeira metade do século XX”

Em “A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro”, Augusto, o protagonista, após ter ganho à lotaria, abandona o emprego na companhia de águas e esgotos, para escrever um romance sobre o Rio de Janeiro, sua terra natal. O título do romance, o mesmo que o do conto, é sugestivo e o leitor pensa descobrir uma cidade à medida das suas paisagens. Mas ao contrário, ele deambula pelas ruas, para relembrar a cidade da sua infância, olhando para as fachadas dos prédios, reminiscências da “cidade maravilhosa”. Este acaba sempre por encontrar lugares sórdidos, uma cidade deteriorada por uma urbanização galopante. O conto leva o leitor a descobrir as faces escondidas da cidade, os problemas de violência, de prostituição, a falta de formação, o iletrismo e a segregação das classes pobres. A obra convida à consciencialização dos problemas provocados por uma forte população que não se adaptou à vida urbana.

Em primeiro analisaremos a problemática evocada por Fonseca, em seguida veremos até que ponto a tomada de consciência dos problemas sociais é indispensável ao progresso, para um futuro melhor, não só da “cidade maravilhosa”, mas também doutras cidades. Sem um bom conhecimento dos problemas a vida nas metrópoles contemporâneas

não pode prosperar.

Alberto José Vieira Pacheco

UFRJ

Furtado Coelho: um ator português e a música de salão no Rio de Janeiro

Em meados do século XIX, o ator, dramaturgo, músico e poeta português, Luís Cândido Furtado Coelho chegou ao Rio de Janeiro. Sua carreira teatral é foi muito bem-sucedida, sendo considerado um dos mais importantes atores do teatro brasileiro de seu tempo e um dos grandes defensores e implementadores da estética realista. Também é conhecida sua atuação como compositor de música teatral e de salão. No entanto, este aspecto de sua carreira precisa ser melhor avaliado pela comunidade musicológica, especialmente no que diz respeito à criação dos recitativos de salão, espécie de canção declamada na qual um poema (geralmente um decassílabo) é declamado ao som de um acompanhamento musical (via de regra uma valsa). Nossas pesquisas demonstraram que este gênero acabou sendo cultivado por vários compositores e intérpretes, tanto no Brasil quanto em Portugal, contando com várias partituras publicadas. Esta comunicação pretende apresentar um esboço biográfico de Furtado Coelho, ressaltando sua atuação como músico e sua criação mais relevante para a musicologia luso-brasileira: os recitativos de salão.

Alessandro Barnabé Ferreira Santos

Universidade de São Paulo

Um “Vespertino do Rio de Janeiro”, por Jorge de Sena

Este ensaio trata do modo pelo qual se articula o testemunho poético de Jorge de Sena no poema “Vespertino do Rio de Janeiro”, de 1959. Poeta, ficcionista e professor universitário, ofícios nos quais foi grande expoente, Sena, “nascido em Portugal, de pais portugueses, / e pai de brasileiros no Brasil [...]” será “[...] talvez norte-americano quando lá estiver”; estes são versos de “Em Creta, com o Minotauro”, poema escrito em 1965 que descreve com enorme fôlego a peregrinação “infecta”, a saber: os múltiplos desterrados a que o poeta foi obrigado percorrer. No poema a ser analisado, destaca-se um conjunto de paisagens urbanas ligadas à cidade do Rio de Janeiro – “arranha-céus”, “favelas”, “morros” – e separadas por um imenso “mar”, de onde se figura, talvez, Portugal do outro lado. Entender como essas paisagens funcionam na poética do testemunho, aquela que entende que “Toda a poesia é circunstancial; [...]” (SENA, 1978, p. 22), e de que forma elas servem como indícios das visões que tem o poeta acerca do Brasil, em específico o Rio de Janeiro, a isto destina-se esta comunicação. Para tanto, recorre-se aos estudos de paisagem a partir da perspectiva fenomenológica da Geografia Humanista-Cultural.

Alina Taís Dário

UFU

Crônica trocada na cidade de Sam Sebastiam: as personagens portuguesas na obra ceciliana

Crônica Trovada da Cidade de Sam Sebastiam no Quarto Centenário da sua Fundação pelo Capitam-mor Estácio de Saa, escrita por Cecília Meireles é uma obra póstuma inacabada, publicada em 1965. A hipótese consiste em demonstrar que a obra se estrutura em uma composição épico-lírica, em que as narrativas apontam para duas distintas direções: a primeira, gira em torno da apropriação da história de fundação da cidade do Rio de Janeiro, desde a vinda de alguns desbravadores portugueses ao Brasil; e a segunda apresenta um olhar lírico voltado para os dramas individuais das personagens que são compostos a partir das experiências individuais do sujeito. Assim, este estudo tem como objetivo discutir a forma de apresentação das personagens portuguesas, Men de Saa e Estácio de Saa, nos poemas de Crônica Trovada, questionando, então, de que maneira a autora Cecília Meireles apresenta as personagens históricas a partir dessa releitura poética. Para alcançar os objetivos, entende-se que seja necessária uma investigação e um aprofundamento teórico sobre as relações entre história e poesia e, principalmente, das crônicas coloniais e sobre outros textos da tradição literária.

Álvaro Santos Simões Junior

UNESP (Assis)

O decadentismo-simbolismo português na imprensa carioca (1890-1892)

O objetivo da comunicação é o de expor brevemente o resultado de pesquisa realizada com o apoio do CNPq e da FAPESP sobre a repercussão da literatura decadentista-

simbolista portuguesa em jornais e revistas do Rio de Janeiro no período de 1890 a 1892. As fontes primárias constituem-se de resenhas, notícias literárias, anúncios e diferentes modalidades de crônicas, entre as quais se destacam as matérias enviadas do Velho Continente por correspondentes estrangeiros. Parte-se do pressuposto de que as discussões em torno, principalmente, das obras de Eugénio de Castro (Oaristos e Horas), António Nobre (Só) e Guerra Junqueiro (Os simples) construíram no Brasil um consenso negativo a respeito das propostas estéticas do decadentismo-simbolismo. Pretende-se demonstrar especialmente o protagonismo, nesse debate, dos portugueses que colaboravam na imprensa carioca nos anos imediatamente anteriores à publicação de Missal e Broquéis (1893), de Cruz e Sousa. Entre esses autores, merecem atenção à parte, pela relevância dos textos publicados, Fialho de Almeida, Maria Amália Vaz de Carvalho, Pinheiro Chagas e Crispiniano da Fonseca.

Ana Claudia Vieira Pinto Alves de Jesus UFRJ

Caminhos do Atlântico - Do Retorno a migração

Na década de 70 ocorreu um regresso maciço de portugueses oriundos das ex-colônias no continente africano. Eles voltavam para Portugal, devido a insegurança e medo que sentiam nesses países, em meio aos conflitos decorrentes dos processos de independência. O fenômeno do retorno português envolveu um enorme contingente de pessoas, e aconteceu em um momento difícil da vida nacional portuguesa, gerando uma fratura social entre os que viviam em Portugal e os que regressavam. Ser retornado implicava em uma imagem negativa da sua identidade. É fato, que vários desses retornados migraram novamente tanto para outros países europeus como para as Américas. Esta comunicação é sobre o fenômeno do retorno, mais especificamente dos que regressaram de Angola para Portugal e por fim, migraram novamente, desta vez para a cidade do Rio de Janeiro. A partir dos relatos e dos conceitos memória e identidade busca-se construir essa trajetória, perceber as respostas que elaboraram a uma identidade negativa e porque escolheram o Brasil, mais precisamente o Rio de Janeiro como seu destino.

Andrea Carvalho dos Santos (Andrea Carvalho Stark) UFRJ

"Ao Teatro do Comércio! À classe caixeiral!" - os caixeiros como público de um teatro da Corte (1866-1867)

Presentes desde a época da Independência, os caixeiros eram jovens portugueses imigrantes, majoritariamente, que chegavam ao Brasil entre 9 e 14 anos para trabalhar no comércio, residindo junto à família do comerciante. Na sociedade tornaram-se cidadãos com o raro direito ao voto, e nos teatros eram parte da plateia do Teatro São Pedro de Alcântara, passando posteriormente ao distante Teatro São Januário, e ao Teatro Ginásio. Até que em 1867, em plena Guerra do Paraguai, José de Almeida Cabral, empresário de teatro brasileiro e compositor de modinhas, inaugura um teatro na Corte com o sugestivo nome de Teatro do Comércio, disputando esse público a partir do próprio nome do espaço.

Dramas, comédias e musicais, de autores franceses, portugueses e alguns brasileiros; árias de ópera italiana, além de outros gêneros musicais de sua própria autoria, eram levados à cena pela sua companhia lírico-dramática, em dias e horários especialmente direcionados a esse público que iria garantir a bilheteria. Nossa comunicação irá expor algumas correlações entre repertórios encenados e as relações estabelecidas com essa plateia, no contexto político e cultural dos anos de 1866 e 1867, período em que o teatro esteve em funcionamento.

Beatriz Catão Cruz Santos UFRJ

As procissões do Rio de Janeiro no século XVIII: calendário e vida social

A comunicação pretende identificar e analisar algumas das celebrações previstas na cidade do Rio de Janeiro entre a segunda metade do século XVIII e inícios do século XIX.

Parte-se da documentação produzida pelo bispado do Rio de Janeiro, especialmente o códice E-236 - Pastorais e Editais. Livro 1. 1742/1838, localizado no Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro. Dar-se-á prioridade às procissões da cidade e, em particular, a de Corpus Christi, considerando os editais e pastorais como um calendário, nos quais

dados circunstanciais e desordens são registrados. As procissões selecionadas – Corpus Christi, São Sebastião, Patrocínio de Nossa Senhora etc – são de tradição portuguesa e/ou relacionam-se a acontecimentos do reino português. Elas são consideradas na sua dimensão político-religiosa e como uma das formas de sociabilidade dos habitantes da cidade no período.

Bruna Feola Monteiro

UNICAMP

Tradutora e Atriz: Maria Velluti além dos palcos

As primeiras traduções de peças teatrais realizadas por mulheres datam do século XIX. As portuguesas tiveram grande destaque nessa área, como a atriz e tradutora Maria da Conceição Singer Velluti (1827-?). Suas traduções são o objeto dessa comunicação que pretende mostrar, com o auxílio de jornais, periódicos e catálogos, a contribuição da atriz para a difusão do repertório estrangeiro no Brasil. Maria Velluti foi responsável pela disseminação de clássicos e sucessos italianos e franceses no Brasil. Nascida em Lisboa, iniciou sua carreira artística no Conservatório Real de Lisboa. Em 1847, chegou ao Brasil e em outubro do mesmo ano apresentou, no teatro São Pedro de Alcântara, o solo militar Carkorienne. A partir de 1856, Velluti se destacou pelas traduções de peças francesas e italianas para o Teatro Ginásio Dramático do Rio de Janeiro. Suas publicações mais anunciadas foram A Viúva das Camélias e A vida de uma atriz, que receberam destaque nas propagandas veiculadas em periódicos cariocas de 1859. Embora tenha se consagrado como atriz, Maria Velluti deixou um legado para a cultura luso-brasileira mais duradouro como tradutora com mais de 35 peças traduzidas, em sua maioria francesas.

Carlos Guilherme L. Riley da Mota Faria / Carlos Luís Marques Castanheira da Cruz **Universidade dos Açores**

O tricentenário de Camões, Camonistas e Camonianas. Algumas coleções açorianas e o Real Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro

As questões estéticas e arquitetônicas dos Gabinetes de Leitura no Brasil, designadamente o do Rio de Janeiro, bem como a dinâmica associativa e ideológica que lhes estava subjacente, remetem para o tema das Comemorações Camonianas de 1880 que tiveram no açoriano Teófilo Braga (1843-1924), político, escritor e ensaísta – figura destacada do Positivismo e do Republicanismo em Portugal -, o seu pai fundador em terras lusas.

Dadas as afinidades entre o Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro e o Tricentenário de Camões (1580-1880), e tendo em consideração as ligações entre as ilhas dos Açores e o Brasil – nos períodos colonial e imperial – pensámos ser relevante traçar um estudo comparativo dos ecos das Comemorações Camonianas nas diversas parcelas do Atlântico lusófono, com especial destaque para duas instituições que se destacaram nessa República das Letras irmanada pelo culto a Luís de Camões. Referimo-nos naturalmente ao Real Gabinete Português de Leitura que, atrás da Biblioteca da Universidade de Coimbra, alberga a segunda maior Camoniana do mundo, e à Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada (ilha de S. Miguel – Açores), a qual possui no seu riquíssimo espólio bibliográfico e documental as seguintes coleções:

Livraria Camoniana de José do Canto (1820-1898), considerada a maior do mundo reunida por um particular, cujo respectivo Catálogo valeu ao seu autor/proprietário a admissão na Academia das Ciências de Lisboa.

Espólio Camoniano de José Afonso Botelho de Andrade (1828-1887), outro bibliófilo e camonista açoriano que se distinguiu no campo da imprensa política e literária.

Livraria particular e acervo documental de Teófilo Braga que, para além dos seus numerosos títulos camonianos, possui muito material relacionado com a pedagogia da comemoração dos centenários” e com as ligações deste intelectual com os círculos Positivistas e Republicanos do Brasil.

Carolina Anglada de Rezende

UFMG

“O poema ensina a estar de pé”: estruturação e deslocamento na obra de Eucanaã Ferraz

Eucanaã Ferraz tem, dos seus sete livros de poesia, três editados em Portugal. Para além da convivência com portugueses e da língua partilhada, o poeta faz de sua poesia um modo de se deslocar entre espaços e formas, e de deslocá-los, sobretudo. Em um poema como “Sentimento leste”, referência a “O sentimento dum ocidental”, o sentimento é

invertido em decorrência da inversão na posição geográfica; o passeio na feira desperta “o desejo de viver/ e viver alegrias, desejo absurdo de nenhum sofrer”. O absurdo se revela, inesperadamente, na dupla-distância das tangerinas da feira, “próximas e distantes a Manchúria/ a Mongólia”, na desmesura própria à geografia poética de Ferraz, na qual podemos ler: “o mundo é pequeno, o Alentejo é imenso”. Nessa cartografia informe, na qual cidades são sinônimas de cores, sílabas, cheiros, experimentamos, como gaivotas, a lição mais valiosa: “nadar, andar a vau, elevar-se/ alegre, planar, fazer de tudo campo aberto/ de abrir-se”. Por isso a poesia dá a chance ao poeta de ir e vir, desmesurar tamanhos, alterar perspectivas, como o faz em “o poema ensina a estar de pé”, demarcando a importância da poesia ser, ao mesmo tempo, exercício arquitetônico, de construção, e errância à procura da matéria.

Cinara Leite Guimarães

UFPB

O flaneur na belle époque carioca

Os romances da escritora Júlia Lopes de Almeida desenvolvem-se, em sua grande maioria, na cidade do Rio de Janeiro. Tanto em *A falência* (1901) quanto em *A viúva Simões* (1897), obras escritas na virada do século XIX para o século XX, a cidade carioca não serve apenas como pano de fundo, cenário, para as tramas desenvolvidas, mas ganha vida ao ser traduzida ao leitor por meio do olhar de personagens que podemos caracterizar como flaneurs, aqueles que se ocupam de caminhar e observar o espaço e a vida que nele transcorre. Desse modo, com base nos trabalhos de Borges Filho (2007), Brandão (2013) e Lins (1976), buscamos apresentar a então capital federal por meio da escrita literária daquela que foi uma autora engajada, que lutava por melhorias significativas no espaço público carioca no período da belle époque.

Claudio M. Correa

REDES/UERJ

A instrução que convém à ordem: censores e leitores na Corte do Rio de Janeiro (1808-1821)

Por decreto de 27 de setembro de 1808, o príncipe regente atribuiu à Mesa do Desembargo do Paço o papel de organismo censor no Brasil, estendendo sua jurisdição tanto aos textos encaminhados para publicação na Imprensa Régia, quanto às obras importadas. Assim, nomeava para este exercício indivíduos de um círculo restrito, por vezes novo, mas, de confiança. Dentre os ocupantes da função constam súditos dos dois lados do Atlântico, como frei Antônio d'Arrábida e Francisco de Borja Garção Stockler, ambos nascidos em Portugal; e, Mariano José Pereira da Fonseca e José da Silva Lisboa, naturais da Colônia. O presente trabalho tem por objetivo analisar a atuação dos censores, homens conservadores, porém ilustrados, salientando a plasticidade com a qual davam seus pareceres. Para além das licenças, concedidas a letrados, observa-se que as brechas no sistema censório são evidentes. Obras sediciosas, ímpias e imorais conseguiam passagem, seja na algibeira de um viajante ou através do tráfico, os livros proibidos chegavam e circulavam na Corte do Rio de Janeiro.

Constance von Krüger de Alcântara e Silva

UFMG

Vulto e pegadas: as marcas do espaço em *Jóquei*, de Matilde Campilho

'*Jóquei*' (2014) é o livro-estrela de Matilde Campilho, jovem poeta portuguesa que viveu entre 2010-13 no Rio de Janeiro. Apesar de apresentarem temáticas variadas, os poemas têm, em conjunto, uma identidade particular, que dialoga com uma ideia de poesia em trânsito, de uma flânerie contemporânea – em que os trajetos não são feitos por vias e galerias parisienses (como o flâneur baudelairiano), mas por centros de circulação viva pulsante, como a cidade do Rio. Atenta e discreta em meio à multidão, ou de dentro de casa, Campilho parece ter olhos de fotografia, e registra, em uma escrita tenra, mas com um fôlego de bicho grande, aquilo que marca a retina de um observador sensível; (“Isto é que é poema / Fala do cheiro das flores / e da injustiça da existência / das flores na cidade”). Este trabalho propõe uma leitura de *Jóquei* que observa o lugar de escrita – como protagonista ou cenário; enfim: onde a poesia acontece. Bachelard questiona, em '*A Poética do Espaço*', ao afirmar que a metafísica mais profunda está enraizada numa geometria que espacializa o pensamento: “se o metafísico não desenhasse, seria capaz de pensar?”, a que Campilho responde, como um jóquei, em desenhos traçados pelo galope de seu cavalo, a que chama Poesia.

Cristiano Mello de Oliveira

UFSC

A representação do cenário no novo romance histórico brasileiro – uma leitura dos romances *A república dos bugres* e *Conspiração barroca*, de Ruy Reis Tapioca

A representação do cenário no Novo Romance Histórico brasileiro tem despertado pouco interesse na crítica literária. A morfologia urbana composta por casas, casarões, palácios, castelos, igrejas, pontes, logradouros, meios de transporte e cidades é caracterizada e descrita conforme o contexto de época. Muitos escritores analisam compêndios históricos, documentos de época, arquivos, museus, numa tentativa de representar ou (re)criar o pano de fundo dos enredos históricos formulados. Os romances *A República dos Bugres* (1999) e *Conspiração Barroca* (2008) do escritor baiano Ruy Reis Tapioca conjugam-se como obras literárias que remontam o passado histórico, recuperando os pressupostos vigentes nos séculos XVIII e XIX, nomeadamente a chegada da Família Real Portuguesa e a Inconfidência Mineira.

O presente artigo averigua como o cenário histórico é representado nesses romances, identificando a forma e o conteúdo trabalhado, por meio do recorte das descrições narrativas.

De modo a fundamentar a nossa reflexão recorreremos aos contributos de: Lowenthal (1998) , Bury (2006), Pons, (1996), White, (1992), entre outros. Por último, a contribuição deste artigo visa expandir o olhar estético para esse assunto tão instigante e ainda não devidamente explorado pelo meio acadêmico.

David Cranmer

FCSH-Universidade Nova de Lisboa

Teatro e música na capital colonial

Embora existam indícios de algumas encenações anteriores, é no reinado de D. Maria I (1777-1816) que a documentação existente permite esboçar de forma mais completa a atividade músico-teatral na capital colonial, primeiro na chamada “Ópera Nova” e, a partir de 1813, no Real Teatro de São João. Usando fontes como “As memórias de Manuel Joaquim de Meneses” (para o período anterior à chegada da corte portuguesa), os libretos impressos e as referências na Gazeta do Rio de Janeiro (a partir de 1808), mas por outro lado as partituras e partes cavas existentes no Arquivo Musical do Paço Ducal em Vila Viçosa (Portugal), provenientes sobretudo da Ópera Nova, esta comunicação procura apresentar uma ideia do leque de obras dramáticas com música se apresentava no Rio de Janeiro – ópera italianas, óperas portuguesas, comédias, tragédias, entremezes e farças [sic] – durante um período de cerca de 40 anos. Neste processo pretende-se retratar uma atividade teatral variada e dinâmica, envolvendo reinóis para além de cariocas, e não limitada e esporádica como, à primeira vista, poderia parecer.

Débora El Jaick Andrade

UFF

Camões em solo tropical: a auto imagem do escritor no Brasil pós independência

A imagem do poeta lusitano renascentista, Luís de Camões, foi reapropriada no período do Romantismo para simbolizar a nação independente, mas igualmente foram destacados seu sacrifício pelas letras e seu destino trágico. Contemporâneo do poeta renascentista, o escritor português Almeida Garrett viveu em um momento conturbado da história portuguesa no século XIX e, após a Revolução liberal do Porto, viveu no exílio, onde escreveu o poema *Camões*, que inovou o panorama literário em 1825, fixando a representação romântica da biografia do poeta luso. Este trabalho mostra que através das transferências culturais, entre a antiga metrópole e o Brasil, Camões torna-se referência literária para os literatos brasileiros, tais como Domingos José Gonçalves de Magalhães e Manuel de Araújo Porto Alegre nas primeiras décadas do século XIX. Apesar da explícita rejeição da herança cultural portuguesa, ao procurarem compor um repertório de obras para inaugurar uma literatura nacional, apropriaram-se do “mito de Camões” expresso por meio de seus discursos, poemas e peças teatrais.

Dimitri Andrey Scarinci

UERJ

A construção do espaço na cidade através dos festejos portugueses no entrudo no século XIX

O objetivo deste trabalho é investigar a construção do espaço da cidade do Rio de Janeiro a partir das diversas relações vividas entre o homem e o território em que vivem (BONNEMAISON, 1981/2002). O estudo parte dos festejos carnavalescos do entrudo, herança cultural portuguesa, na cidade do Rio de Janeiro, então capital imperial no século XIX.

Este período é marcado pela concepção do uso do espaço da cidade durante o carnaval, quando uma intensa disputa entre os diferentes modos de festejar a folia se refletem na construção de territórios culturais próprios. Utiliza-se como fonte de dados desta investigação: reportagens de jornais de circulação expressiva na cidade do Rio de Janeiro de meados do século XIX; imagens e mapas. Como resultado preliminar se constatou uma estratificação socioespacial nos festejos carnavalescos: de um lado, destaca-se a casa, com os limões de cheiro em suas recepções particulares para fortalecer os vínculos sociais; de outro, as camadas populares da sociedade ainda se divertiam em suas molhadelas, no uso dos espaços públicos da cidade. Enquanto territórios construídos, a casa e a rua são entendidos como um “sistema de significações e de sentidos” (LEBFREVE, 1991, p. 63)

Eduarda Berteli Mario dos Santos

UNICAMP

As adaptações portuguesas do romance *Paulo e Virginia*, de Jacques-Henri Bernardin de Saint Pierre para o teatro entre as décadas de 1840 e 1890

Ao longo do século XIX vários romances de sucesso, que hoje seriam considerados best-sellers, ganharam adaptação teatral. O romance *Paulo e Virginia*, de Jacques-Henri Bernardin de Saint Pierre (1788), exemplifica o fenômeno. Sua adaptação para os palcos é um dos elementos que evidencia a transformação de romances famosos em uma série de produtos comerciais anunciados na mídia impressa. O objetivo dessa comunicação é analisar a adaptação de *Paulo e Virginia* que o empresário português Sousa Bastos realizou no Teatro Príncipe Imperial, em 1882, mesmo ano em que a Companhia do Teatro Fênix Dramática remodelou a peça, convertendo-a em um “drama abolicionista”. Por meio da consulta aos periódicos brasileiros oitocentistas, realiza-se o mapeamento da circulação de adaptações portuguesas desse romance no Brasil. A pesquisa revelou que a primeira encenação ocorreu em 1848, no Teatro São Pedro de Alcântara, pela Companhia Dramática Portuguesa. O drama se manteve em cartaz até a primeira metade da década de 1860. Uma nova adaptação, designada por comédia, estreou em 1866, no Teatro S.D.P., em Desterro, Santa Catarina, e alcançou o ápice do sucesso em Pernambuco, a partir de 1868. Ao final do século outras adaptações portuguesas surgiram. Verificou-se que os grupos teatrais, como o do empresário Sousa Bastos, divulgaram as adaptações lusitanas do romance *Paulo e Virginia* contribuindo para sua popularidade no Brasil durante mais de cinquenta anos.

Elcio Loureiro Cornelsen

UFMG

A simbologia da cruz nas letras dos hinos de um clube do futebol carioca e suas raízes lusitanas

Nossa contribuição visa à análise das letras dos hinos de um clube de futebol do Rio de Janeiro, o Club de Regatas Vasco da Gama, tomando por referência a simbologia da cruz como elemento de identificação de suas origens lusitanas. A partir de um olhar transdisciplinar, pensamos a relação entre literatura, música e futebol através da análise das letras do 1º hino oficial (1918), de Joaquim Barros Ferreira da Silva, do 2º hino oficial (anterior a 1940), de João de Freitas, e do hino popular (meados da década de 1940), de Lamartine Babo, no intuito de identificar traços textuais de identidade simbólica (cores, escudo, nomes). Para uma abordagem dessa natureza, consideramos a história de fundação e trajetória do Vasco da Gama, bem como os contextos em que as letras de seus hinos foram compostas. No caso específico das letras analisadas, constatamos que elas fazem referência à tradição de navegação e à “cruz”, que remete à Cruz de Malta, símbolo da Ordem medieval de São João nos séculos XII e XIII, de grande importância na história de Portugal. Além disso, as letras marcam a sua identidade de origem no próprio nome do clube, em referência ao grande navegador português, em cuja homenagem o Vasco foi fundado em 1898.

Elisabeth Fernandes Martini

UERJ

Notícias do Brasil: Eça de Queirós, Fradique Mendes e o amigo brasileiro

Tendo vivido as quatro últimas décadas de oitocentos em meio aos revolvimentos sociopolíticos que Brasil e Portugal enfrentavam na construção das respectivas nacionalidades, Eduardo Paulo da Silva Prado (1860-1901), fundador da cadeira de nº 40 da Academia Brasileira de Letras, ganhou projeção pelo papel de opositor que desempenhou junto à nascente república brasileira.

O monarquista convicto e sua produção intelectual, voltada para um público eminentemente acadêmico, sofreram um virtual apagamento na era contemporânea. Mas as pontes que Prado firmara com os intelectuais portugueses, em especial com o “Vencidos da Vida”, continuam proeminentes até os nossos dias, seja pelo retrato que Eça de Queirós comporia do amigo, seja pela missiva que lhe endereçaria o poeta satânico Carlos Fradique Mendes, mantendo um olhar crítico sobre o Brasil e os brasileiros.

Há que focalizar a tríade Eça-Fradique-Prado e o jogo entre os pares a compor o desenho de uma proto-heteronímia. Também propomo-nos debruçar sobre as leituras que os escritos ecianos e as suas “fradiquices” suscitariam na futura capital da república brasileira, ainda às voltas com os estertores da monarquia.

Palavras-chave: correspondência, brasileiro, português, monarquia, república.

Elizabeth Gonzaga de Lima

UNEB

Trânsito editorial entre Brasil e Portugal: notas sobre a publicação de *Recordações do escrivão Isaías Caminha* de Lima Barreto

A Proclamação da República brasileira em 1889, sob a égide positivista, trouxe como efeito colateral a exacerbada valorização do homem de letras e, em consequência, participar de associações, gabinetes literários e publicar livros conferiam notoriedade, legitimação e projeção ao indivíduo na sociedade do período. No entanto, o mercado editorial restrito era dominado pelo grupo francês Garnier, que editava preferencialmente escritores consagrados, como Machado de Assis e Coelho Neto. Em contrapartida, Lima Barreto, jovem aspirante a escritor, não vislumbrava possibilidade de inserção na esfera cultural das letras no Rio de Janeiro, sem a edição de um livro, por isso, em 1908, buscou uma solução aparentemente complexa, publicar seu romance de estreia, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, em Lisboa, na Livraria Clássica, pelas mãos do editor A. M. Teixeira. Sob tal perspectiva, a proposta da comunicação é analisar o trânsito editorial que se estabeleceu entre Brasil e Portugal nas primeiras décadas do século XX, a partir dessa experiência editorial de Lima Barreto. A análise deverá considerar as implicações que envolvem este intercâmbio entre os dois países, como questões de mercado editorial, propriedade intelectual, recepção de escritores lusitanos e brasileiros pelo público leitor, entre outras discussões correlatas.

Elizabeth R. Azevedo

ECA/USP

Presença lusitana nos palcos cariocas: Ludovina Soares da Costa

A atriz portuguesa Ludovina Soares da Costa transferiu-se com seu marido e toda uma companhia teatral para o Rio de Janeiro em 1829, diante da instabilidade política que reinava em Portugal nesse período, bem como pelas dificuldades econômicas que a atividade teatral enfrentava naquele país.

Representante de uma prática já centenária em terras lusitanas, aportou no Brasil para, um pouco mais tarde, ao lado de João Caetano dos Santos, tornar-se uma das figuras mais expressivas da implantação de um fazer teatral em solo brasileiro das primeiras décadas do século XIX, período que inaugura de maneira definitiva a história do teatro brasileiro.

Ludovina e seus companheiros estão entre os primeiros atores portugueses a fazer do trânsito entre Portugal e Brasil uma constante rica e produtiva para ambos os países. No entanto, pouco se estudou sobre sua carreira e atuação.

Este estudo pretende contribuir para o resgate da história dessas relações, tão fundamentais na trajetória do teatro nacional.

Eunice de Moraes

Universidade Estadual de Ponta Grossa

A cidade como medium-de-reflexão e a presença de Vitorino Nemésio no Rio de Janeiro

O termo medium-de-reflexão foi utilizado por W. Benjamin para apontar o potencial da obra de arte na elaboração do conhecimento crítico. Nesta proposta de trabalho recuperamos a expressão com o intuito de observar esse potencial crítico intimista presente na construção de imagens de Angra dos Reis (RJ), em crônicas de Vitorino Nemésio. O

estudo sobre as crônicas “Isolamento: solidão de Ilha”; “A cidade do Canal” e “Encontro de Angra”, buscará revelar a travessia de Nemésio através do espaço físico das ilhas e através de si mesmo, como um ser em trânsito: “ilha pontuada na brutalidade oceânica” (parafrazeando Nemésio). Nestas crônicas, encontramos a expressão da dor das “raízes violentadas”, mas também o cronista conquistado por Angra e suas torres que “começavam a organizar em torno de mim a intimidade, a confiança e dali a bem pouco, o apego” (NEMÉSIO, p. 281).

Everton Barbosa Correia

UERJ

Natividade Saldanha: poeta e publicista republicano sob o império luso-brasileiro

Em 1822, José da Natividade Saldanha publicou os Poemas oferecidos aos amantes do Brasil em Coimbra, onde se formou em Direito no ano seguinte e retornou à sua província natal. Ali se tornou publicista do Argos Pernambucano que protestava frontalmente contra a dinastia brangantina instalada no Brasil e veio a compor a junta governativa que proclamou a Confederação do Equador em 1824. Sendo um republicano durante o primeiro império brasileiro, causa espécie que seu “Soneto XVII” tenha a seguinte epígrafe: “Na sentida morte de S. M. Rainha D. Maria I”. Tais contradições passam a ter interesse como registro da mentalidade que se aninhava no início do Oitocentos brasileiro e como seus registros repercutiram até nossos dias, conforme narrativa dos historiadores da literatura, notadamente Silvio Romero e Antonio Candido. Então aqueles versos – que só tiveram reedição em 1875, sob o título de Poesias de Natividade Saldanha – adquirem valor de representação histórica e literária, porquanto ilustram marcas daquele tempo e lançam luzes sobre o período em que parte da família imperial lusitana residia na América, cuja demanda por revisões historiográficas se faz imperativa.

Ewerton de Sá Kaviski

UFPR

José de Alencar e a Língua Portuguesa

A presente proposta de comunicação tem por objetivo discutir a reflexão de José de Alencar sobre a língua portuguesa. Sabe-se que o autor foi amplamente questionado em seu tempo por diversas razões, em especial pelo uso que fez da língua em seus romances. Pinheiro Chagas é certamente um dos principais nomes da crítica literária portuguesa que se debruçou sobre essa dimensão da obra de José de Alencar ao analisar o romance Iracema (1865). Gostaríamos de recuperar essa discussão, em especial as respostas de Alencar às críticas, de modo a evidenciar não só o que estava no horizonte de preocupações do crítico português, como os intuitos do escritor brasileiro em operar uma mudança consciente na língua comum aos dois países. Em linhas gerais, nossa hipótese é a de que a experiência linguística na obra alencariana está fortemente relacionada a questões historicamente postas de como representar a realidade brasileira – a cor local. Seria, portanto, uma questão de forma literária e não só de ideologia nacionalista.

Fábio Varela Nascimento

PUCRS

Era no tempo do rei, de Ruy Castro, e o Rio de Janeiro de 1810

Na obra Era no tempo do rei - um romance da chegada da Corte, publicado em 2007, pelo escritor Ruy Castro, o Rio de Janeiro capital colonial se mostra essencial para o desenvolvimento da narrativa. No cenário da cidade recém elevada a centro de um império ultramarino, durante o Carnaval de 1810, o príncipe herdeiro, Dom Pedro, e um moleque criado nas ruas, Leonardo, se encontram e travam uma relação de contrastes e inversões. O príncipe português nascido em Queluz vive as experiências da rua e o menino parido em um canto da Gamboa prova dos encantos de um palácio. A inversão está propositalmente localizada no período do Carnaval, que permite as trocas entre o alto e o baixo. Contudo, não é apenas o Carnaval o desencadeador das inversões. O cenário do Rio de Janeiro, no limiar entre capital imperial e cidade colonial, também se alterna entre o alto e o baixo. Por tais aspectos, esta proposta busca evidenciar o papel da cidade de 1810 no processo de carnavalização e inversão presentes na obra.

Flávia Vieira da Silva do Amparo

UFF

Machado de Assis & Cia: uma roda literária luso-brasileira no Rio de Janeiro do séc. XIX

Analisando a trajetória literária de Machado de Assis, podemos rastrear as principais influências do escritor no começo de sua carreira, quando se concentrava, sobretudo, na escrita de poesia. O crescente interesse de Machado na lírica ultrarromântica seria visível nos seus poemas de 1856 e 1857, certamente pelo contato que passaria a estabelecer com poetas, seus contemporâneos, que adotavam a escola romântica como modelo em suas composições. Pelo relato que nos chegou através do prefácio das *Crisálidas*, escrito pelo advogado e escritor Caetano Filgueiras, tomamos conhecimento de que, por volta deste período, Machado fazia parte da sua primeira “panelinha literária”, encabeçada por

Filgueiras, que reunia em seu escritório, na região central do Rio de Janeiro, um grupo de poetas portugueses e brasileiros, dentre os quais: Casimiro de Abreu, Machado de Assis,

J. Joaquim Cândido de Macedo Júnior e Francisco Gonçalves Braga e, às vezes, contando também com a presença de Augusto Emílio Zaluar. Essa roda literária luso-brasileira seria um importante meio de formação de jovens escritores e o ponto de partida para o desenvolvimento de vínculos literários entre intelectuais do séc. XIX.

Flavio Joppert

Associação da Nobreza Histórica de Portugal

Brasões do Império "Uma visão Luso-Brasileira"

Observando a heráldica do Império do Brasil nota-se que os brasões da nobreza são em maioria de origem ibérica portuguesa.

Como em casos de Titulares que tomaram o partido português, (II Barão do Paty do Alferes); como em casos de Titulares que apoiaram a Independência (Duque de Caxias). Já alguns outros titulares preferiram armas que rompiam com a tradição europeia, (os Barões de Santa Justa). No presente trabalho é realizado um estudo quantitativo e qualitativo dos brasões da nobreza da corte, quanto ao aspecto de cultura europeia ou a pertencer ao imaginário simbólico brasileiro.

Francisco José de Freitas

UNIRIO

O Papel dos Médicos Portugueses no Rio de Janeiro na Implementação da Homeopatia no Brasil

A Homeopatia é uma especialidade médica no Brasil reconhecida pelo CFM desde 1980, farmacêutica em 1993, Médica Veterinária em 2000 e Odontológica em 2015, encontra-se inserida na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares do Ministério da Saúde há 20 anos. É uma área da saúde cuja comprovação clínica e científica encontra-se cada vez mais solidificada ao longo dos anos. Todo este desenvolvimento começou na época do Brasil Império, mais especificamente em 1843 quando o médico francês Benoit-Jules Mure junto ao médico Vicente José Lisboa criaram o Instituto Homeopático do Brasil, no Rio de Janeiro, afim de propagar a homeopatia em proveito das classes pobres. E em 1846, com a oficialização da Escola de Medicina Homeopática, criada no ano anterior pelo Dr. Mure e o médico português Dr. João Vicente Martins. Este trabalho tem como objetivo identificar, resgatar e descrever estes fatos tão relevantes na história da participação ativa dos médicos portugueses na implantação da Homeopatia no Brasil, em particular do Dr. João Vicente Martins, maior propagandista e defensor da Homeopatia na época, registrada nos inúmeros artigos publicados em jornais, principalmente no *Jornal do Comercio*.

Germana Sales

UFPA

O trânsito de livros no Brasil e a presença dos livreiros portugueses

Durante o século XIX era comum, no Brasil, o anúncio de livros nos jornais ofertados ao público, juntamente com outras mercadorias e também em lojas especializadas, unicamente, no comércio de livros, sob a responsabilidade dos livreiros. É por meio desses anúncios que podemos obter informações sobre quem eram os livreiros responsáveis pela divulgação das obras impressas, para os leitores oitocentistas. O trânsito desses livros, comumente, é entendido conforme um caminho alinhado e/ou unidirecional que parte da Corte, para o restante do império. Essa perspectiva, contudo, pode ser expandida, e muitas vezes transformada quando alargamos o contexto de apreciação. Sob o ângulo do mercado livreiro das províncias, verifica-se que nem sempre todas as relações e trânsito de livros e ideias partiram do Rio de Janeiro. Algumas vezes, estas se estabeleciam diretamente com a Europa, por intermédio de algum livreiro ou circulação de romance, para as províncias brasileiras. De acordo com esse cenário, esta comunicação avalia o trânsito de livreiros portugueses na cidade de Belém, no Pará e sua relevância para a circulação de livros no e para o Brasil, enfatizando a atuação de Antônio Maria Pereira, Godinho Tavares e Manoel Gomes do Amorim.

Gisele Sanglard

Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz

Filantropo e Mecenas: Guilherme Guinle e a construção de hospitais no Rio de Janeiro nos anos de 1920

Este trabalho se propõe a refletir sobre a ação da filantropia laica no Brasil nas primeiras décadas do século XX a partir da relação que se estabeleceu entre a filantropia e a saúde no Rio de Janeiro da Primeira República (1889-1930). Mais especificamente estaremos nos concentrando na terceira década do século XX, considerado por nós como fértil para entender a articulação da elite em prol da filantropia, notadamente aquela voltada à infância. Para tal, nos debruçaremos sobre as ações do industrial carioca Guilherme Guinle (1882-1960) e seu envolvimento com a arquitetura para saúde, chamando atenção para a relação entre ele e o arquiteto português Adelstano Soares de Mattos Porto d'Ave: concurso internacional de projetos, mecenato e políticas de saúde pública serão alguns dos temas abordados nesta comunicação.

Giulliano Gomes Della Rovere Coutinho

Universidade Estácio de Sá

"A História do Senhor Manuel e da Dona Maria da Padaria": Uma análise sobre a imigração portuguesa no Rio de Janeiro (1930-1975)

"A História do Senhor Manuel e da Dona Maria da Padaria": Uma análise sobre a imigração portuguesa no Rio de Janeiro (1930-1975) versa sobre a comunidade lusitana formada por conta deste processo de imigração delimitado através de um trabalho de história e memória que propõe a análise dos impactos e desdobramentos deste evento e o legado para a Capital Fluminense que passa a ter um novo panorama nos setores sócio-culturais, históricos e econômicos.

Também concerne ao trabalho introduzir ao debate historiográfico a importância do nacionalismo luso para a adaptação do imigrante na nova terra e analisar a importância dos impactos do mesmo que não deve se abster de estudos sociais, históricos, culturais e geográficos relacionados à Capital Fluminense.

Para atestar a veracidade do trabalho, são utilizadas como fontes: Depoimentos de imigrantes e descendentes, cartões de imigração, fichas de associações portuguesas, cantigas do cancionero popular português, cartas de chamadas, entre outros documentos de acervo pessoal que são confrontados com uma bibliografia que versa sobre o referido assunto.

Gladys Sabina Ribeiro

UFF

Arrecadação de portugueses sem herdeiros. Relações Brasil - Portugal na passagem do XIX ao XX

Tomando por base os processos de arrecadação de bens de portugueses falecidos no Rio de Janeiro, entre fins do século XIX e início do XX, cujo espólio foi disputado entre Brasil e Portugal, se pretende analisar o trânsito de capitais e as relações diplomáticas entre esses dois países. Esses inventários foram pesquisados no Arquivo Histórico Diplomático de Lisboa, Portugal (Palácio das Necessidades) e serão comparados ao mesmo tipo de documento que encontramos no acervo da Justiça Federal do Rio de Janeiro, 2ª região.

Ressalte-se que os documentos brasileiros distinguem-se dos portugueses porque nesses processos, embora os portugueses fossem considerados sem herdeiro, os herdeiros acabaram aparecendo para disputar os bens deixados. Revelam, portanto, estratégias de poupança, de envio de recursos para a mãe pátria conflitos familiares envolvendo famílias dos dois lados do Atlântico e referências variadas a diplomas legais, como acordos, tratados e convenções. Todos esses documentos são interessantes para se verificar a formação das identidades, em momento da grande emigração para o Brasil. Mostram igualmente estratégias de acumulação de pecúlios modestos e do estabelecimento de redes de solidariedade, que permitiam a circulação não só de capitais como de pessoas.

Grete Soares Pflueger

UEMA

Rio de Janeiro e São Luís : Diálogos urbanos

Este artigo busca resgatar as conexões urbanas, arquitetônicas e históricas entre as duas cidades: São Luis, capital do Estado do Maranhão e o Rio de Janeiro, resgatando dois importantes momentos históricos que entrelaçam estas cidades. O primeiro no período colonial onde os projetos da “França Antártica” no Rio de Janeiro 1555 e da “França Equinocial” no Maranhão 1612 relatados pelo padre Claude d’abbeville fizeram as duas cidades compartilhar a ideia da urbanização francesa nos trópicos que culminou com a posterior urbanização portuguesa e um segundo momento da capital federal, no âmbito das renovações urbanas realizadas na gestão do Prefeito Pereira Passos para a abertura da avenida central onde ressaltamos as influências do Rio na renovação Urbana no Maranhão realizadas pelo Governador Paulo Ramos, maranhense que trabalhava no Rio de Janeiro como funcionário do Ministério da fazenda antes de assumir o governo do Maranhão e que junto ao prefeito Pedro Neiva de Santana realizou a abertura da Avenida 10 de novembro hoje avenida Magalhães de Almeida, em homenagem ao oficial da Marinha, Senador e Governador do Estado. As demolições e ampliações da avenida foram inspirados pelas reformas da capital federal. As duas cidades “Reais” coloniais: São Luís e Rio dialogaram em seus projetos de colônia francesa e portuguesa e compartilharam a ideia do moderno com a renovação urbana do século XX. Estabelecendo assim conexões entre as cidades em duas temporalidades nas dimensões urbanas e arquitetônicas.

Heloisa Paulo

CEIS20/Universidade de Coimbra

Portugueses no Rio de Janeiro: salazaristas e opositores em manifestação na cidade (1945-1954)

Na década de 40 a cidade do Rio de Janeiro, então capital do Brasil, possui o maior núcleo de imigrantes portugueses e um grupo significativo de exilados e emigrantes políticos, adversários do regime de Salazar. Divididos politicamente, já que os chamados emigrantes económicos tendem a apoiar o salazarismo, a colônia e exilados disputam a solidariedade da sociedade acolhedora para as causas que defendem, ou seja, o regime de Lisboa ou a sua queda. Assim sendo, entre 1945 e 1954, os dois grupos utilizam as ruas do Rio de Janeiro como palco das suas manifestações políticas, procurando granjear o apoio dos cariocas. No final da Segunda Guerra, juntamente com políticos brasileiros, nomeadamente comunistas e socialistas, os opositores antissalazaristas ocupam a sede da UNE, numa manifestação de repúdio ao fascismo e ao seu congénere, o salazarismo. Em 1954, é a vez da colônia conservadora ocupar as ruas do centro da cidade com uma grande manifestação de apoio a política de Salazar na Índia. O objetivo da presente comunicação é analisar o conteúdo destas manifestações e o seu impacto na colônia de emigração ou de exílio e na sociedade carioca de então.

Hugo Lenes Menezes

UNICAMP

Uma portuguesa no Rio de Janeiro: notícia sobre Carolina Augusta Xavier de Novais

Em nosso país, entre outros legados, o colonizador lusitano nos deixa a criação artístico-verbal. Aqui, alguns dos representantes desta criação, mesmo se identificando com valores autóctones e impregnando suas obras de motivos brasileiros, são portugueses, como o Padre Antônio Vieira e Tomás Antônio Gonzaga. Entre nós, no Segundo Império, embora os diálogos entre Brasil e Portugal tenham diminuído devido à maior penetração da civilização francesa, a presença lusa, em particular nas manifestações estético-escritas, continua acentuada. Tal é o que ilustra, na Corte Imperial, a figura portuguesa de Carolina Augusta Xavier de Novais, esposa e espécie de secretária pessoal do cognominado “Cronista do Segundo Império”: o carioca Machado de Assis, a um só tempo, nossa mais nacional e universal sensibilidade na arte da palavra. Ao contrário de José de Alencar e de outros autores oitocentistas, Machado de Assis, cuja imagem do Brasil enquanto nação extrapola o localismo, não é lusofóbico, fato para o qual muito contribui o contato com a vasta cultura letrada de sua mulher. Assim sendo, na comunicação ora proposta, objetivamos enfocar a vinda da citada portuguesa para a cidade do Rio de Janeiro e sua ação na vida literária do marido.

Irene Fialho

Fundação Eça de Queiroz

Entre a Corte Imperial e a Capital Federal – Eça de Queirós escreve o Rio de Janeiro

Eça de Queirós nunca visitou o Brasil, mas a sua vida literária não pode ser separada de uma atenção constante a tudo quanto dizia respeito ao que se passava do lado ocidental do Atlântico Sul. Criticado na juventude por uma ter n’ As Farpas uma visão preconceituosa e redutora do brasileiro (quando tratava apenas do português de torna-viagem), Eça cedo viria a redimir-se das suas impressões. Iremos encontrá-lo explicando esse olhar, que denomina «romântico», no «homem material» do prefácio a *O Brasileiro Soares*, romance de Luís de Magalhães.

Caído o Império, a nova república brasileira merece-lhe reflexões e previsões, publicadas nas «Notas do Mês», da Revista de Portugal, que se revelam falhadas.

São, no entanto, as crónicas escritas na Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro, entre 1880 e 1897, que patenteiam a evolução do autor face aos acontecimentos ocorridos na capital do Brasil, que observava de longe, em Inglaterra e em França

Isabela Battibugli

UNICAMP

O repertório cômico de Guilherme da Silveira no Brasil

O ator, diretor e empresário português Guilherme Squiner da Silveira (1846-1900) desembarca no Rio de Janeiro em 1872, construindo no país uma carreira de sucesso. Algo importante para seu êxito e decorrente enriquecimento seria a diversidade das peças encenadas, considerando-se tanto os locais de origem (França, Espanha, Portugal e Brasil) quanto os gêneros (paródias, zarzuelas, operetas, etc.). A presente comunicação tem por objetivo apresentar, especialmente, o repertório cômico de Guilherme da Silveira, demonstrando como este ajudou na circulação e divulgação de autores e gêneros teatrais europeus nos palcos brasileiros. Logo que chegou ao Brasil, o artista lusitano atuou no Teatro Ginásio e, em 1875, estreou no Teatro São Pedro de Alcântara, tornando-se empresário. Através da pesquisa em periódicos fluminenses, com enfoque na Gazeta de Notícias, foi possível observar o repertório da Companhia do Teatro Recreio Dramático sob sua direção. São recorrentes as encenações de peças cômicas, as quais obtinham grande sucesso de público. Guilherme da Silveira contribuiu para a circulação teatral internacional da época, o que foi determinante para seu sucesso em terras brasileiras, possibilitando que construísse, em Lisboa, o Teatro D. Amélia.

Ivo Venerotti Guimarães

PPGEO/UERJ

Campo de Santana e da Realeza: os impactos da transferência da Corte Portuguesa para o Rio de Janeiro

Esta comunicação pretende explorar as transformações ocorridas no Campo de Santana em decorrência da chegada da Corte Portuguesa ao Brasil em 1808. Parque localizado na borda da Área Central do Rio de Janeiro, o Campo de Santana foi batizado como tal por conta da construção, em 1735, da capela dedicada à avó de Jesus, Santa Ana, em um descampado à época, nos domínios do Campo da Cidade. A área permaneceu pouco ocupada até o fim do século XVIII, com sua drenagem e arruamento promovido na gestão do Vice-rei Conde de Resende, o que intensificou o fluxo de pessoas ao local. Devo destacar, contudo, a vinda da Corte para sua colônia mais próspera, o Brasil, trazendo impactos de diversas ordens, em diferentes níveis, com profundos reflexos no espaço urbano carioca, inclusive no logradouro em tela. Toda uma estrutura com base nos princípios civilizatórios europeus passa a ser implementada para que a capital brasileira se tornasse digna da presença da Corte, doravante a capital do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve. O Campo de Santana, portanto, passa a abrigar construções e a ser palco de celebrações que conferiram centralidades relacionadas desde o cotidiano cidadão até comemorações religiosas e da realeza.

Iza Quelhas

UERJ

A Abelha - Verdade e Caridade: ideário católico e relações luso-brasileiras na década de cinquenta do século XIX

A proposta deste trabalho integra uma investigação mais abrangente sobre o discurso anticlerical, reúne elementos para investigar o discurso divulgado em periódicos, principalmente o de uma defesa da religiosidade católica, ao reafirmar sua influência sobre as decisões do Estado imperial, após a independência do Brasil em 1822. Essa influência revela-se um viés decisivo na construção das identidades e suas representações (Chartier, 2003). Considero relevante a hipótese de que a separação do Estado da Igreja é tão importante para a política quanto para a literatura, pois permite problematizar o protagonismo da ciência na construção de um estado independente. Na literatura, em 1881, Aluísio Azevedo (1857-1913), no romance *O mulato*, escandaliza a sociedade, não apenas maranhense, com uma personagem: padre dissimulado e assassino que utiliza missas e rituais religiosos para construir e reavivar, a cada vez, um mito de santidade incólume para o sacerdote. Em vários de seus romances e escritos, Azevedo representa a figura do cônego aproximando-a a um mero efeito teatral que esconde o modo de operar e dissimular interesses materiais inclusive. A ousadia do autor ilumina o poder da Igreja não apenas entre as elites, mas entre aqueles que compõem o que se denomina “povo”. Para estudar o modo como tal poder se constitui e se mantém ao longo das décadas, após a Independência do Brasil, seleciono o jornal *A abelha religiosa - verdade e caridade*, em circulação no ano de 1854, publicado pela Empresa Typográfica Paula Brito, sendo Brito o impressor da Casa Imperial. Dos números um ao sexto, o periódico apresenta em meados do século XIX, teses e considerações a respeito de temas variados: o necessário interesse que a “Terra de

Santa Cruz” deveria demonstrar pela canonização de Anchieta; as diferenças entre pantéismo, progressismo e catolicismo, com a superioridade inconfundível deste último; a adoção do véu por parte de mulheres intitulado “Triunfo da religião”; a “roda dos engeitados” (grafia original) como uma invenção ou filha da caridade; a comparação do ateu ao mais “imprudente mentiroso”, e, finalmente, a solução cristã para fazer desaparecer o “facho das revoluções”. A construção gradual e complexa das relações entre o Estado e a Igreja revela um tópico significativo o capítulo das relações luso-brasileiras, assim como da construção de autonomia política do Brasil, que ultrapassa uma dimensão meramente “declarativa” de Independência do país.

Jacqueline Penjon

Sorbonne Nouvelle - Paris3

Um detetive carioca de pai português

Hoje esquecido, pelo nome como pelo pseudônimo literário, um português radicado no Rio de Janeiro, de vida bastante atribulada, criará, logo em 1919, um dos primeiros detetives da Capital Federal. Antonio Narciso Roças chega menino ao Brasil; aos 25 anos é preso por falsificação de moeda. Regenera-se e procura viver de sua pena: publica uns cinquenta fascículos. Abrange um pouco todos os gêneros. Entre as melhores obras, estão as novelas policiais: Mistérios do Rio de Janeiro – (memórias póstumas de um detetive carioca) publicadas a partir de 1918-19, crítica da sociedade carioca da época; tiveram várias edições. A fórmula « Mistérios de ...» é de forte potencialidade e no ano anterior, até tinha saído um filme « Os mistérios do Rio de Janeiro », escrito e dirigido por Coelho Neto). Procuraremos analisar a interessante personalidade do detetive Jacques Guarani, avaliando o seu papel no Rio Belle Epoque.

João Baptista Ferreira de Mello

UERJ

Rio de Janeiro - uma Cidade Portuguesa, com Certeza

O Rio de Janeiro está impregnado pela alma portuguesa. Isto pode ser evidenciado no falar chiado lisboeta de sua gente, no calçamento de pedras portuguesas assumindo diversos desenhos e contornos no chão dos nossos caminhos, na devoção ao santo padroeiro a quem os fundadores recorreram e suplicaram proteção contra os hereges protestantes franceses e a Confederação dos Tamoios e no casario remanescente de séculos anteriores.

Considere os sobrados que se avolumam, sobretudo em ruas de traçados coloniais. Em certos logradouros, notadamente, do Centro e cercanias tudo indica que, a qualquer momento, em uma alucinação geográfica, pode-se dobrar as ruas do Porto ou de Lisboa. Neste cenário, de testemunhos geográficos, sacadinhas, portas janelas, arrojados gradis de ferro e inscrições apontando no alto o ano da inauguração do prédio e, excepcionalmente, até mesmo azulejos nas ricas fachadas conduzem a uma cidade portuguesa, com certeza. Os trechos mais identificados com esta aura lusa compõem partes aqui e ali do centro histórico do Rio. Em algumas confluências há ricos diálogos da cidade portuguesa com a cidade americana – verticalizada – ou a cidade francesa – dos projetos da Paris nos Trópicos – em desconcertantes temporalidades que geminadas se confundem, diferem, comungam e se complementam neste Rio de São Sebastião.

João Fernando Vieira Santos

UNICAMP

A mobilização de espetáculos dramáticos do final do século XIX para a construção da sede do Real Gabinete Português de Leitura

A construção do novo edifício do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, iniciada em 1880, mobilizou não só o núcleo de sócios-fundadores, como diversas outras parcelas da sociedade fluminense. Uma destas parcelas é a dos artistas de teatro que participaram de espetáculos com o objetivo de levantar fundos para a edificação do prédio, onde a biblioteca se mantém até hoje. Para reconstituir os acontecimentos envolvendo este episódio histórico de notável relevância para a sociedade luso-brasileira, este trabalho se propõe a analisar os anúncios de espetáculos dramáticos cuja finalidade explícita era angariar recursos e reunir apoio para o empreendimento. A análise se apoia na consulta aos principais jornais e periódicos no período, tais quais o Jornal do Comércio, o Diário do Rio de Janeiro e a Gazeta de Notícias. Busca-se destacar a mobilização dos artistas de teatro em prol da idealização desta nova edificação da biblioteca e obter um panorama dos envolvidos: atores, companhias, músicos e diretores. O resgate desse empenho pela construção da sede do Gabinete mostra um aspecto pouco conhecido das relações culturais luso-brasileiras na capital do Império no final do século XIX.

João Luis Ribeiro Fragoso

UFRJ

Nobreza principal da terra, Antigo Regime e escravidão mercantil (Rio de Janeiro, século XVII e XVIII)

A exposição parte do pressuposto de que as famílias dos conquistadores e dos primeiros povoadores do Rio de Janeiro Quinhentista, nos séculos seguintes, formaram um grupo social capaz de elaborar os seus mecanismos de reprodução social no tempo: no caso trata-se da nobreza principal da terra. Os eixos desses mecanismos não foram tanto o controle da terra e da mão de obra – através, por exemplo, do sistema de vínculos (morgadios e capelas) ou por meio do mercado – mas, mediante os valores do Antigo Regime Católico. Entre tais valores temos: o de prestígio social (fidalguia de pergaminhos e a costureira dada pela conquista) e de dádivas (troca pessoal desigual). Entre os resultados desse processo temos a fabricação de uma sociedade hierarquizada e pautada na ideia de superioridade de social como sinônimo de viver do trabalho alheio. Nesse contexto a prática dádiva surge como movimento fundamental, pois era capaz, ao mesmo tempo, de reafirmar superioridade social e da promoção social, a exemplo da alforria. A Nobreza principal da terra, no Rio de Janeiro, sucumbiu no século XVIII, porém a sociedade e o seu ideário sobreviveram, inclusive entre os grupos ditos subalternos. Estas hipóteses foram construídas a partir da empiria do Rio de Janeiro dos séculos XVII e XVIII, mas procuram contribuir para o entendimento da América lusa baseada no Antigo Regime luso e na escravidão mercantil.

Jorge Eduardo Magalhães de Mendonça

UFF

A fácil adaptação das personagens portuguesas ao cotidiano do Rio de Janeiro no romance do Século XIX

Este trabalho tem como objetivo abordar a capacidade e facilidade dos portugueses de se adaptarem ao contexto, à cultura e à miscigenação da cidade do Rio de Janeiro do Século XIX, através de personagens portuguesas de "O cortiço", de Aluísio Azevedo e "Bom crioulo", de Adolfo Caminha.

Em "O cortiço" será dado enfoque as personagens João Romão, que enriquece por méritos próprios, porém, não muito honestos, mas rapidamente decifra os códigos da cidade Miranda, vizinho de cortiço que enriqueceu devido à fortuna da esposa brasileira e que por isso tolera suas traições e Jerônimo, que vai viver com sua esposa e sua filha no cortiço e aos poucos vai se abrigando e se acostumando com a cultura local.

Em "Bom crioulo" será dado enfoque à portuguesa Carolina, dona da hospedagem onde Amaro vai viver com Aleixo.

Carolina é um dos maiores exemplos de personagem portuguesa adaptada ao contexto do Rio de Janeiro, pois foi prostituta, musa do carnaval e, finalmente, dona de hospedagem quando alugava quartos para pessoas de "certa ordem", não interessando a cor, a classe ou profissão.

Juliana Coelho Loureiro

UFRJ

Entre ruas, becos e travessas – Um estudo sobre a formação urbana do Rio de Janeiro nos séculos XVI a XVIII

Este trabalho tem o objetivo de discutir a formação do arruamento da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, desde sua fundação, em 1565, até quando se torna sede do governo português no Brasil, em 1763. Neste estudo, buscou-se analisar e comparar os discursos textuais e imagéticos sobre a cidade, na intenção de compreender os primeiros traços urbanos e sua importância na constituição da mesma, como por exemplo, a definição da Rua Direita. Assim também, tornou-se fundamental recorrer à tradição urbana portuguesa, permitindo esboçar aproximações e distanciamentos. Sabe-se, entretanto, que a experiência lusitana no Rio de Janeiro foi tão intensa que, em meados do século XVIII, a cidade é considerada na tratadística portuguesa como referência de boa ruação.

Julianna de Souza Cardoso Bonfim

UERJ

Memórias de Literatura Contemporânea – A poesia brasileira sob o olhar português do século XIX

A obra de alguns proeminentes poetas do Romantismo brasileiro ultrapassaram as fronteiras continentais. Inspirados sobretudo pelo laço linguístico que os une, autores românticos portugueses repercutiram, em jornais e revistas, as obras de seus coetâneos brasileiros. Dentre esses autores, destacamos os apontamentos de Antônio Pedro Lopes de Mendonça (1826-1865) no volume "Memórias de Literatura Contemporânea", em que ele reúne artigos de crítica literária – ou, como o próprio define, suas "lucubrações

espontâneas e improvisadas” – oriundos do jornal "A Revolução de Setembro". Na citada obra, Mendonça trata da poesia dos nossos Gonçalves Dias e Álvares de Azevedo, incluindo-os na seção de “Perfis literários” contemporâneos, entre os portugueses Francisco Gomes de Amorim e Latino Coelho, entre outros. Interessa-nos o destaque dado a esses poetas, a fim de entender a perspectiva de A. P. Lopes de Mendonça – a essa altura, um literato já maduro – a respeito da poesia brasileira; uma amostra do que nossos poetas representavam para a intelectualidade lusitana daquela época.

Karla Janaina Costa Cruz

UFPB

Ação da colportagem protestante portuguesa na Corte Imperial

A corte brasileira, baseada nos ideais nacionalistas de progresso em meados do Dezenove, vivenciou, no âmbito religioso, uma fase de embates entre o catolicismo oficial e popular e a implantação de outras crenças. A historiografia religiosa registra, nesse período, o estabelecimento do protestantismo no Brasil oriundo da mescla entre britânicos, portugueses da Ilha da Madeira e de Braga, de escravos e de pequenos comerciantes. Tomando por referencial teórico a História Cultural e, mais especificamente, os pressupostos da História da Leitura, pretendemos discutir a ação de protestantes portugueses, que migraram para o Brasil em 1855, onde, coordenados por um casal britânico de origem nobre, os Kalley, passaram a ganhar a vida nas ruas da Corte como colportores. Tomaremos por fonte primária de esse fazer arqueológico a obra de quatro volumes, Lembranças do Passado (1941), escrita pelo médico João Gomes da Rocha. O pleonasma do título parece reforçar o valor historiográfico dessa, na qual se faz representar, de um lugar sócio-discursivo específico, um Rio de Janeiro entre cenários, práticas sociais, pessoas e espaços urbanos em transformação no período entre 1855 a 1888.

Leonardo Ferreira Kaltner

UFF

A descrição do Rio de Janeiro no poema "De Gestis Mendi de Saa"

O poema épico *De Gestis Mendi de Saa (Sobre os feitos de Mem de Sá)*, cuja autoria é do Pe. José de Anchieta, SJ, escrito em Latim Renascentista vincula-se ao Humanismo Renascentista Português, tendo sido publicado em Coimbra em 1563. O poema descreve os três primeiros anos do Governo-Geral de Mem de Sá. Analisaremos a descrição da Baía de Guanabara no poema, que antecede a narrativa do combate que envolveu portugueses e franceses na disputa pelo território, e que levaria à fundação posterior da cidade do Rio de Janeiro em 1565.

Leonardo Soares Madeira Iorio Ribeiro

UCAM

Mariana Coelho: a educadora feminista

O objeto do presente trabalho de pesquisa, “Mariana Coelho: a educadora-feminista”, é a análise da vida, da obra e do pensamento de MARIANA COELHO, no contexto do Brasil da Primeira República e de suas origens lusitanas. As pesquisas vêm sendo realizadas num diálogo entre Portugal-Brasil. Recentemente, foram publicadas duas obras que contêm os resultados primeiros: uma no Brasil, de autoria do ora proponente, outra em Portugal. Em novembro de 2015, as duas obras foram apresentadas na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

MARIANA COELHO, transmontana da região de Vila Real, imigrou nos fins do século XIX, passando logo a contribuir para a imprensa local de Curitiba com suas poesias e crônicas, abraçando, logo, a causa feminista.

Em 1902, idealiza e funda, em Curitiba, juntamente com seus irmãos, o Colégio Santos Dumont, que fora premiado na Exposição Nacional de 1908 e visitado, em 1916, pelo próprio aviador. Exerceu, por décadas, o magistério, consagrando-se como “educadora de gerações” no Paraná, sendo reconhecida no RIO DE JANEIRO, então CAPITAL FEDERAL, pela participação na Exposição Nacional de 1908 e na Federação Brasileira pelo Progresso Feminino e, sobretudo, pela publicação da obra “A Evolução do Feminismo”.

Na Exposição Nacional de 1908, no Rio de Janeiro, sua obra “O Paraná Mental” – com prefácio de Rocha Pombo - foi laureada com “Medalha de Prata.

Publicou, em 1933, “A Evolução do Feminismo”, obra ímpar para a época: “um trabalho que tem de ficar em nossa história literária”, disse o historiador e imortal Rocha Pombo.

A educadora-feminista, embora tenha sofrido as influências de seu tempo, percebeu que o “sexo frágil” não nascia frágil, mas era assim construído pela sociedade, sendo chamada de “Beauvoir Tupiniquim” por Zahidé Muzart.

De outra perspectiva, pregou que a mulher poderia contribuir para a sociedade com seu modo peculiar - o “feminino” – inclusive com o seu “amor”. Sua concepção de feminismo vai muito além do sufrágio, assemelhando-se a um “humanismo”. Suas duas obras, “O Paraná Mental” e “A Evolução do Feminismo”, foram reeditadas pela Imprensa Oficial do Paraná com apoio do CNPq, 2002.

Luís Fernando Campos D'Arcadia

UNESP (ASSIS)

O paratexto e cultura manuscrita na literatura colonial

A literatura produzida durante os séculos 17 e 18 no Brasil é caracterizada pela vinculação a códigos de escrita e leitura. Alguns desses elementos são compostos por princípios de retórica e poética, mantido por uma tradição que remete à antiguidade e idade média. Além deles, há outros fatores, que estão essencialmente vinculados à sua materialidade: a divulgação oral e a transcrição manuscrita. Ambas relativamente perdidas ao leitor moderno, cabendo, portanto, aos estudiosos do período reconstituí-las o quanto possível. Este trabalho irá examinar alguns exemplos da forma poética “romance” produzida no ambiente do império Português dos séculos XVII e XVIII, incluindo academias literárias e atos acadêmicos ocorridos no Rio de Janeiro e Salvador, no sentido de mostrar seus pressupostos de produção e recepção.

Lyndon de Araújo Santos

UFMA

Os Brácaros Chapelleiros: Mundos e Representações dos Chapéus no Rio de Janeiro (1825-1898)

A presente comunicação propõe uma narrativa histórica e social dos chapéus e dos chapeleiros no Brasil do século XIX, a partir da vinda dos irmãos Fernandes Lopes (José Antonio e José Luiz) e Costa Braga (Francisco Antonio e Francisco José), os brácaros chapeleiros. A fábrica por eles iniciada se tornaria uma das maiores na segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas da república. Apresentaremos os aspectos da produção, do uso e das representações sociais ligadas ao vestuário e à moda, bem como os mundos do trabalho e do mercado chapeleiro, situados num conjunto de transformações sociais vivenciadas no contexto urbano no Rio de Janeiro no oitocentos. Por um lado, uma rede de importadores, leiloeiros, modistas e fabricantes circularam distintos modelos voltados para o consumo; por outro, trabalhadores e operários vivenciaram conflitos ante as condições impostas a essa mão de obra escrava e livre assalariada. Como parte desse cenário, mostraremos as conexões existentes entre as cidades de Braga e Rio de Janeiro pelas trajetórias de vida de portugueses chapeleiros imigrados, que protagonizaram o surgimento de uma importante fábrica de chapéus na região central da corte e na região da Mangueira.

Marcelo Bustamante Chilingue

Unigranrio

À importância de D. Pedro II para a educação das pessoas com Deficiência Visual

O objetivo deste trabalho é apresentar a importância e relevância dada, durante o período imperial no Brasil, principalmente, através da figura do Imperador D. Pedro II, às pessoas com Deficiência Visual, dada a complexidade com que até então as mesmas eram tratadas pela sociedade vigente. Dessa forma, busca-se apresentar os benefícios trazidos como, por exemplo, a criação do Imperial Instituto de meninos cegos, atual Instituto Benjamin Constant, assim como se estabeleceu, desde então, um novo olhar sobre a cegueira.

Marcia E. Taborda

Escola de Música da UFRJ

Violeiros portugueses no Rio de Janeiro oitocentista

Embora não tenha sido ainda ressaltada, a tradição de construir instrumentos de cordas no Rio de Janeiro está registrada desde o século XVIII e como não poderia deixar de ser foram portugueses nossos primeiros artesãos. Durante todo o século XIX polvilharam nas ruas do centro do Rio de Janeiro as chamadas oficinas de violeiros e a popularidade do ofício foi tanta, que chegou a nomear a rua que os acolheu: Rua das Violas.

A mais abrangente fonte de informações sobre atividades comerciais e de manufatura desenvolvidas na cidade, encontram-se no Almanak Laemmert (1844-1889), em que

estão documentadas as principais e praticamente únicas referências à atividade de construção de instrumentos de cordas na cidade. Alguns desses fabricantes foram responsáveis pelo estabelecimento das lojas de música, dentre os quais o conimbricense João dos Santos Couceiro fundador da “Rabeca de Ouro”

Márcia do Socorro da Silva Pinheiro

UFPA

Fabiola: editoração e tradução portuguesa que circulou em terras paraenses

Durante sua trajetória inicial até sua consagração enquanto gênero literário, muitos foram os caminhos percorridos pelo romance em âmbito mundial. Logo ocupou espaço nas prateleiras dos livreiros, nas estantes das bibliotecas públicas e privadas. Uma grande parte da ficção estrangeira que circulou no Brasil, em volumes comercializados pelas livrarias e lojas de artigos variados ou em folhetins na imprensa, era de origem francesa, inglesa e portuguesa. No ano de 1854, o romance *Fabiola* foi publicado na Inglaterra, sob a pena do Cardeal Nicholas Wiseman (1802-1865). Em 1863 a obra foi revista e traduzida em Lisboa, mais especificamente sob a tutela de M. J. de Mesquita Pimentel. Nos anos de 1865 e 1866 o jornal paraense *A Estrella do Norte* publicou aos moldes do folhetim a tradução portuguesa em 56 capítulos. O enredo do romance acontece em Roma, nos princípios do século IV D.C, durante as perseguições aos cristãos promovidas no império de Diocleciano. A protagonista é *Fabiola*, uma jovem de família romana nobre. Este trabalho, portanto, objetiva verificar a história editorial do romance, com ênfase na análise da tradução portuguesa.

Márcia Regina Capelari Naxara

UNESP (Franca)

Rio de mais de quatrocentos janeiros [presença portuguesa, paisagem, comemoração]

Alguns dos marcos expressivos quando se pensa as comemorações relacionadas à passagem do tempo no Rio de Janeiro, seja por ocasião do IV Centenário em 1965 ou de seus atuais 450 anos, guarda relação com as alterações visíveis nas suas tão famosas paisagens – naturais e urbanas –, ou melhor, na simbiose existente entre ambas. A presença portuguesa confunde-se e cola-se à história da cidade em termos de sua permanência, trocas culturais e do ir e vir em itinerários transatlânticos. Detenho-me em parte da alentada publicação realizada pela Editora José Olympio quando das comemorações do IV Centenário – Coleção *Rio 4 Séculos* –, de que recorto, em especial o volume 2, “Aparência do Rio de Janeiro”, de Gastão Cruls, e “Rio de Janeiro em prosa e verso”, volume 5, organizado por Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade [Rio de Janeiro, 1965], bem como parte da também alentada Coletânea *O Rio de Janeiro na literatura portuguesa*, organizada por Jacinto do Prado Coelho [Edição da Comissão Nacional das Comemorações do IV Centenário do Rio de Janeiro, Lisboa, 1965], para algumas reflexões sobre escritos que comemoram o momento, buscando trajetórias e significados.

Maria Clara Amado Martins / Vanessa Sena Najjar de Oliveira **UFRJ**

O ideal da “Lisboa nos trópicos”: o Paço da Ribeira e o Terreiro do Paço no Rio de Janeiro

A descoberta de ouro no Brasil na primeira metade do século XVIII atraiu o Brasil para o centro das atenções do Império Português. Isto levou à elevação do Brasil à condição de Vice-Reino em 1775. A construção da Casa do Vice-Rei, na então Rua Direita, no Rio de Janeiro, adjacente ao Terreiro da Polé – depois denominado Terreiro do Paço – foi uma das materializações arquitetônicas dessa elevação do status da cidade no contexto do Império Português. A vinda para o Brasil da Família Real Portuguesa, em 1808, e a necessidade de ali alojar o Príncipe Regente, fez com que fosse alterado o paradigma da importância daquela edificação. Para além de ser a capital do Vice-Reino, o Rio de Janeiro convertia-se em capital do próprio Reino. O Terreiro do Paço, atual Praça XV de Novembro, no Rio de Janeiro, reproduz o programa e o partido arquitetônicos existentes no Paço de Lisboa.

Portanto, esta comunicação visa a apresentar o Paço Real (posteriormente Paço Imperial) do Rio de Janeiro e seu entorno de forma analógica ao Paço da Ribeira à Praça do Comércio de Lisboa.

Maria Clara Gonçalves

UNICAMP

A atriz portuguesa Gabriela da Cunha e sua importância na cena teatral brasileira do século XIX

A atriz portuguesa Gabriela da Cunha De-Vechi (1821-1882) teve grande destaque na cena teatral brasileira do século XIX. Dado o papel expressivo da atriz junto à cena teatral brasileira do século XIX, a comunicação pretende apresentar, brevemente, os primeiros trabalhos de Gabriela da Cunha, de modo a demonstrar sua importância para o teatro brasileiro oitocentista. A atriz trabalhou ao lado do ator português Furtado Coelho no Ginásio Dramático do Rio de Janeiro (1856) e no Ginásio Dramático do Rio Grande do Sul (1858), encenando peças da escola realista francesa, como *A Dama das Camélias*, de Alexandre Dumas Filho e *Dalila*, de Octave Feuillet, sempre obtendo boas críticas ao seu estilo de interpretar. Atuando em vários pontos do país, Gabriela da Cunha, como era popularmente conhecida, ajudou a disseminar nos palcos brasileiros o repertório e estilo de interpretação do teatro realista francês. A atriz conquistou admiradores importantes, como o escritor Machado de Assis, que escreveu inúmeras críticas elogiosas à Gabriela nos jornais da época.

Maria Cristina Batalha

UERJ/CNPq

O capítulo machadiano de *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto

Formado na tradição da paródia como prática do dialogismo, o escritor brasileiro Machado de Assis inspira-se da obra renascentista *Peregrinação*, do escritor português Fernão Mendes Pinto, para criticar a sociedade imperial de seu tempo. Na contramão da epopeia laudatória de Camões que canta a aventura marítima de navegadores portugueses através do mundo, Fernão Mendes Pinto traça uma pintura sem concessão do império português, apontando-lhe as incongruências e suas fraquezas. Ao enaltecer os valores do Oriente, do qual admira as realizações e os avanços, o autor expõe, pela via do contraste, as deficiências do sistema português. Assim, “O Segredo do Bonzo”, conto de Machado de Assis de 1882, publicado em Papéis avulsos, traz como subtítulo “Capítulo inédito de Fernão Mendes Pinto”, fazendo proliferar a obra do autor português e imprimindo a ela uma ressignificação. Refratário às polêmicas que agitavam a vida literária de seu tempo, tanto no Brasil como em Portugal, é pela via da ficção, protegido pela máscara de escritor, que Machado de Assis melhor exerce sua ironia, dirigindo-se direta ou indiretamente a seus contemporâneos, revitalizando e trazendo para a atualidade as obras da tradição.

Maria do Socorro Fernandes de Carvalho

UNIFESP

Breves notas sobre a vivência do nacionalismo entre lusos e brasileiros

O estudo das consequências da mudança do regime monárquico para o republicano a partir de 5 de outubro de 1910 em Portugal deflagrou uma série de mudanças e concepções políticas, com relação ao Brasil, alterando o lugar que o pensamento, a cultura e o homem português ocupariam na mentalidade brasileira do século XX que se iniciava. Com a instauração da república em Portugal, uma das frentes de afirmação do novo regime encontra-se no nacionalismo. É possível observar diversas variáveis históricas presentes nesta equação: o nacionalismo como um dos efeitos da instauração da república portuguesa no Brasil, a reafirmação da herança colonial na implementação de uma política republicana conjunta entre ex-metrópole e ex-colônia e a substituição amigável dos afetos da figura do colonizador para a figura do imigrante português.

Proponho como comunicação um apanhado breve dessas consequências concentrando-me na questão do nacionalismo, e ideias afins, como o conceito de nacional, e sua vivência no seio da coletividade carioca por ocasião da virada do século XIX para o século XX.

Maria Eunice Moreira

PUCRS

Relações pouco amistosas: portugueses e brasileiros na polêmica do *Minerva Brasiliense*

Nos primeiros anos do Segundo Reinado, o Brasil vivenciava a fase de afirmação de suas instituições, de modo a fortalecer o regime e, em especial, a autonomia da nação brasileira.

A discussão sobre a autonomia da literatura brasileira impunha-se, nesse momento: para os portugueses, o Brasil ainda não tinha condições de postular uma literatura independente; para os brasileiros, a questão da autonomia literária era indiscutível. A discussão entre esses dois círculos (portugueses e brasileiros) origina o episódio que ficou conhecido como a polêmica do *Minerva Brasiliense* e traz à tona os argumentos de ambas as partes sobre o processo político, cultural e literário brasileiro. Pouca conhecida e pouco divulgada pela historiografia literária, essa polêmica constitui fonte importante para o conhecimento e a discussão das relações Brasil-Portugal, no século XIX.

Maria Helena Carmo dos Santos / Flávio Lins Rodrigues UERJ / UFJF

O Porto Maravilha e a "cidade megaevento" - tradição e festa no Rio 2016

A cidade do Rio de Janeiro vive a “década de ouro” dos grandes eventos, ao sediar os Jogos Mundiais Militares (2011), a Copa das Confederações (2013), a Copa do Mundo (2014) e os Jogos Olímpicos (2016). Ao ser eleita cidade-sede da Olimpíada em 2009, o Rio de Janeiro tem o desafio de colocar em prática o dossiê de candidatura apresentado ao Comitê Olímpico Internacional, que inclui um legado tangível: a requalificação da área portuária. É o ressurgimento de uma nova centralidade, um novo “locus” de lazer, entretenimento, negócios e moradia, com um forte discurso de valorização do patrimônio, formado pela composição de várias camadas de história - portuguesa e africana num contexto da cidade global que precisa reinventar-se.

Maria Lucilena Gonzaga Costa Tavares UFPA

O Grão-Pará dos portugueses: laços jornalísticos no século XIX

Após transferência da Família Real portuguesa para o Brasil, em 1808, muitas melhorias ocorreram na Colônia, mormente no Rio de Janeiro. Sob esse aspecto convém citar o progresso econômico-cultural desenvolvido com as novas instalações. A partir de 1821, as vinte capitanias que a colônia possuía tornaram-se províncias e com a Independência do Brasil, um ano depois, as províncias vizinhas ao Rio de Janeiro – capital do país – foram as mais beneficiadas, uma vez que as melhorias estavam mais próximas destas, talvez por isso foram as que aderiram mais passivamente a decisão do príncipe regente em favor da independência do território brasileiro, diferentemente das províncias mais distantes da capital, como a do Grão-Pará. Nesse sentido, ressaltamos que a lusofilia, ou seja, a manutenção da aliança com Portugal, era oportuna nessa província paraense, já que, como mencionei anteriormente, a maior parte das outras regiões/províncias testemunhava um momento de aversão ao português colonizador. Destarte, coube ao jornal arquivar parte dessa importante história, mormente literária que diverge a versão dada de que a lusofobia imperou na província paraense.

Marina Carreiro da Silva UNICAMP

Furtado Coelho e as turnês do Ginásio Dramático do Rio de Janeiro na Província de São Paulo

Já se sabe que o ator português Luiz Cândido Furtado Coelho (1831-1900), logo após chegar ao Brasil, torna-se encenador do teatro Ginásio Dramático do Rio de Janeiro (1856). O objetivo da comunicação é acompanhar a circulação e recepção de repertórios entre a corte e as províncias, com enfoque em São Paulo. Devido as turnês realizadas pela companhia deste teatro sob o comando de Furtado Coelho, foram divulgadas peças do estilo de interpretação da escola realista francesa. Através de consultas aos periódicos foi possível reconstituir o ano de 1862, no qual Furtado Coelho e alguns membros da companhia excursionaram por São Paulo, enquanto o restante continuou encenando peças na sede do Ginásio Dramático do Rio de Janeiro. No ano de 1868, a companhia retorna a São Paulo com todos os atores e com o repertório de peças já encenadas na capital, como O Anjo da Meia Noite e O Remorso Vivo, ambas deste artista lusitano. Nota-se que ele permaneceu no Brasil devido ao sucesso obtido, principalmente excursionando a companhia composta de atores portugueses e brasileiros por todo o país. Furtado Coelho teve a importante tarefa de difundir dramas franceses, fazendo com que diversos públicos tivessem contato com novas práticas teatrais.

Maurício Wilson Camilo da Silva UFF

Os papeis e funções das praças de herança portuguesa no capital colonial - Rio de Janeiro (1763 a 1822)

Mostra papeis e funções socioculturais, políticas, econômicas e religiosas que as praças de cultura portuguesa assumiram no capital colonial do Rio de Janeiro (1763 a 1822). Como espaço público com características de heranças islâmicas e católicas. Discute o conceito e a origem da palavra praça que passa a dar nome a esse espaço que durante séculos XV a XVI, através dos soldados de exercito colonial os Praças de Guarnição que se marchavam no meio de um espaço central das Fortalezas nas colônias deixam como herança o nome associado aos espaços de praças.

Como história a partir das características portuguesas apareceu às praças fortes, os espaços centrais nas antigas fortalezas; as praças simbólicas, marcadas com uma estátua

de um grande herói de navegação, ou seja, as tipologias que tornaram evidente com a Espanha católica a partir do século XIII, onde a corte cristã começou a implantar as estatuais nas praças muçulmanas que, para caso português foi mais evidente com o Marquês de Pombal, no plano iluminista de Lisboa.

Foram espaços de manifestações já no século XVII, nas vilas coloniais, um espaço aberto com configuração que inclui a igreja, casa câmara e cadeia e outros edifícios de caráter público com o pelourinho no centro.

Miguel Angelo Campos Ribeiro

UERJ

A Presença Portuguesa no bairro da Tijuca no Rio de Janeiro: passado e presente

Este artigo insere-se no contexto da comemoração dos 450 anos da cidade do Rio de Janeiro, ocorrida em 2015. Portanto, almeja contribuir para os estudos sobre os imigrantes portugueses na referida cidade e sua importância na organização espacial, especialmente no bairro da Tijuca, uma vez que consideramos a fração urbana que representa extraordinariamente os portugueses na urbe carioca. Será dada ênfase à geração de imigrantes de meados do século XX, pois não pretendemos analisar a chegada dos portugueses durante os últimos anos do século XXI por diversos motivos.

Diante de tais considerações, o artigo encontra-se estruturado em três partes. Na primeira, aborda-se, a partir de dados estatísticos, a representatividade dos portugueses, sua trajetória e contribuição na Cidade do Rio de Janeiro. Na segunda, enfatiza-se o papel dos elementos portugueses, do passado e presente, no bairro Tijucano, dando ênfase nas Casas Regionais, importantes fixos na territorialização do português, confirmando e legitimando a Identidade Lusa, além de outros elementos que marcaram esta presença no referido bairro. Por fim, na terceira parte, remete-se a proposta de um bairro português na urbe carioca, indagando: o ideal de um imenso Portugal?

Nahete de Alcantara Silva Tamba / Socorro de Fátima Pacífico Barbosa

IFTO / UFPB/CNPq

O Rio de Janeiro da Belle Époque nas crônicas de Julia Lopes de Almeida no jornal *O País*

Este trabalho tem a finalidade de mostrar o Rio de Janeiro da Belle Époque na visão da escritora Júlia Lopes de Almeida (1862-1834), através de suas crônicas semanais no jornal *O País*. As crônicas cariocas deste período se estabeleceram como um gênero literário de grande expressão através da propagação nos jornais. Nosso objetivo é trazer à luz esses escritos, sobretudo para levar ao conhecimento dos leitores, da crítica e dos estudiosos da historiografia literária a existência destas obras no suporte original de circulação, o jornal do século XIX (BARBOSA, 2007), bem como a importância da escritora para sua época, destacando suas impressões sobre as transformações urbanas sofridas pela capital federal no final do século XIX e início do século XX.

Naira de Almeida Nascimento / Edna da Silva Polese

UTFPR

O Rio de Janeiro dos Zumbis dos Palmares

Angolano de nascimento, com origens em Portugal e no Brasil, José Eduardo Agualusa se destaca no cenário das literaturas em Língua Portuguesa. Esse pluricontinentalismo oriundo na história familiar parece influir de maneira decisiva na sua produção literária, marcada pelos espaços alcançados outrora pela expansão portuguesa. No lugar, contudo, do discurso imperialista unificador, o retorno de Agualusa a esses territórios se faz de maneira problematizadora. Privilegiando os enredos que abordam as tensões sociais e culturais seja em África, Portugal, Brasil ou Goa, o Rio de Janeiro merece sua atenção em pelo menos um título: *O ano em que Zumbi tomou o Rio* (2002). Evocando o líder negro e a toponímia do Quilombo dos Palmares, o livro constrói uma aventura utópica em torno da revolta das comunidades faveladas, tendo por líderes um ex-combatente angolano desiludido com o processo histórico revolucionário em seu país e um órfão nordestino comandante do tráfico num grande morro da Zona Sul carioca. Busca-se investigar como o romance configura os embates sociais e, em especial, os raciais, em que transparecem as fendas de um processo histórico herdeiro do ideal da Modernidade.

Natália Batista Peçanha

UFRRJ

"Precisa-se de criada portuguesa": a imigração portuguesa na composição social do serviço doméstico carioca (1880-1890)

O serviço doméstico era uma das atividades que mais arrematava trabalhadores, sobretudo do sexo feminino, no Rio de Janeiro, de fins do século XIX e princípios do XX. Uma atividade, que outrora era desempenhada, majoritariamente por escravas domésticas, a partir da década de 1870, o que observamos é o crescimento da participação de trabalhadores/as livres, ultrapassando o número de escravos/as nesta atividade, muito por conta, da entrada, cada vez maior, de imigrantes europeus que aportavam no Rio de Janeiro. Por ser uma atividade, que no caso das mulheres, já era desempenhada em suas tarefas diárias dos afazeres da casa, não é de se espantar, que uma vez chegando ao Brasil, esta acabasse se convertendo em uma possibilidade de inserção do mercado de trabalho; mais ainda, em uma forma de obtenção de um teto, proteção, alimentos e vestimentas.

Assim, analisando, sobretudo, anúncios presentes nos principais jornais da época, pretendemos analisar como se dava a inserção dos/as portugueses/as no mercado de trabalho urbano, do Rio de Janeiro, no período de 1880 a 1920, tendo como foco o serviço doméstico.

Nathalia Greco

UFMG

“Escute só, isto é muito sério”, uma leitura do vídeo-poema “Fevereiro”, de Matilde Campilho

Resumo: A poeta portuguesa Matilde Campilho revela-se muito mais do que uma estreante no gênero da poesia. Com uma lírica que entoa os ritmos das ruas cariocas, através da sua deambulação poética, Campilho permite que uma multiplicidade de vozes emane de seus versos. Dentre essa mistura de personagens que surgem – de um menino, passando por uma imigrante clandestina a um príncipe exilado, como bem apontou o poeta Carlito Azevedo -, uma voz que revela traços autobiográficos, que chama para um diálogo possível também pode ser evidenciada no decorrer dos poemas. Assim, este trabalho propõe uma leitura do vídeo-poema “Fevereiro” sob a ótica dessa voz autobiográfica que vivencia a terra estrangeira, refletindo em que medida a escrita influencia e é influenciada por uma biografia. No caso da poeta, a estada no Rio de Janeiro mostra-se determinante para a sua produção poética e amplia os estudos da escrita do eu.

Orna Messer Levin

UNICAMP

Ao gosto português: a contribuição de Ernesto Biester para o teatro e imprensa luso-brasileira

O dramaturgo português Ernesto Biester assinou uma grande quantidade de dramas representados com sucesso nos palcos de Lisboa, bem como nos teatros do Rio de Janeiro, onde suas peças puderam ser assistidas graças à iniciativa de artistas lusitanos, tais como Emília Adelaide, Furtado Coelho e Lucinda Simões. Além de dramaturgo, Biester também foi tradutor, responsável por adaptações do repertório europeu ao gosto português, e diretor da Revista Contemporânea, por meio da qual procurou fortalecer os elos entre Portugal e Brasil. Esta comunicação pretende chamar atenção para a sua contribuição e assinalar o seu legado enquanto homem de letras e empreendedor cultural.

Pablo Luciano Tavares de Oliveira

FEUC

Rio de Janeiro: cidade maravilhosa luso-brasileira

No período compreendido entre 1900 e 1920 o Brasil passava por mudanças, e sendo o Rio de Janeiro sua Capital Federal por anos também teria modificado seu espaço urbano, seu cotidiano, buscando características européias. Buscando se industrializar e afastar de si a imagem de atrasado surgiram indústrias e consigo um grande grupo de operários que constituíam não só brasileiros como também imigrantes como italianos e portugueses e seus descendentes que consequentemente acabaram ajudando a construir a história de bairros como Tijuca, Vila Isabel, Rio Comprido, São Cristóvão entre outros. Bairros próximos ao centro do Rio que desde os primeiros anos desta nação seria palco de grandes ações que refletiam em todo o território tiveram importante influência portuguesa em pontos relacionados à sociedade, um que podemos analisar como um grande símbolo de união entre os povos seria o Club de Regatas Vasco da Gama de importante no Rio de Janeiro quando Getúlio Vargas sendo o presidente discursava para todos da sacada de São Januário, estádio construído por portugueses e seus descendentes. Compreender como se construiu a história desses bairros ao longo da história e importantes personagens brasileiros e portugueses se torna necessário e é isso que buscamos apresentar com este trabalho.

Paulo Roberto Pereira

UFF

Manuel da Nóbrega: Seu papel na fundação do Rio de Janeiro

Na fundação da cidade do Rio de Janeiro, tiveram os padres jesuítas papel decisivo. Segundo Serafim Leite, “Nóbrega foi a alma de todo este movimento.” e José de Anchieta acrescentava “com o seu conselho, fervor e ajuda, se começou, continuou e levou a cabo a povoação do Rio de Janeiro.” Nóbrega conheceu a baía de Guanabara em dezembro de 1552, na companhia de Tomé de Souza, primeiro governador geral. Em 1560 foi fundamental sua colaboração com o terceiro governador geral, Mem de Sá, para a derrocada do projeto da França Antártica do almirante Villegagnon. Embora não estivesse presente na fundação da cidade do Rio de Janeiro, a primeira de março de 1565, toda a ajuda obtida por Estácio de Sá para enfrentar franceses e tamoios fora conseguida com o auxílio de Nóbrega. Capistrano de Abreu sintetiza, assim, sua contribuição para a fundação da cidade do Rio de Janeiro: “O primeiro reitor do Colégio dos Jesuítas do Rio foi o padre Manuel da Nóbrega, que tanto concorreu para a fundação da cidade, sem o qual Estácio de Sá não poderia ter vindo reforçado de S. Vicente.” E, nesse primeiro colégio da cidade, fundado em 1567, permaneceu Nóbrega até que a morte o surpreendeu, quando completava 53 anos, a 18 de outubro de 1570.

Renato Franco

UFF

Elites, prestígio e caridade: a Misericórdia do Rio de Janeiro, 1750-1822

Criada em fins do século XVI, a Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro era um dos mais emblemáticos estabelecimentos da cidade, reunindo as elites locais em torno das obras de misericórdia e sedimentando no além-mar os princípios que uniam portugueses pelos quatro cantos do império. Ao longo do século XVIII, ao contrário da tendência geral de retração das congêneres lusas, a Misericórdia carioca era uma instituição em expansão, favorecida pelo dinamismo econômico do centro-sul da América portuguesa e pelo engrandecimento das elites locais da cidade do Rio de Janeiro. Esta comunicação pretende tratar da composição social da Santa Casa carioca e dos principais serviços prestados à comunidade, entre 1750 e 1822.

Renato Martins e Silva

UFRJ

Rua do Ouvidor Francisco Berquó: Das memórias à ficção na construção da história do Rio de Janeiro

As memórias resgatadas dos logradouros de uma cidade se confundem com a sua história e contribuem para a construção, ainda que ficcionalizada, de sua identidade. Foi isso o que J. M. de Macedo se propôs a fazer com Memórias da Rua do Ouvidor, publicado pela primeira vez em 1878. Na obra, o autor apresenta a história da famosa rua e as transformações pelas quais passou nos 310 anos cobertos por seu texto. Com origem quase simultânea à da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, ainda em 1568 já se tem notícia da existência da via originária que, de início assumiu o simplório nome de Desvio do Mar, revelando no topônimo que lhe foi atribuído tanto a função quanto o que dela deveria se esperar. A via teve, no entanto, outros nomes antes de receber aquele que lhe foi popularmente consagrado. Foi apenas em meados do século XVIII que a Rua do Ouvidor passou a assim se chamar a partir da estadia do Ouvidor Geral e Corregedor da Câmara Francisco Antônio Berquó da Silveira Pereira, segundo ouvidor a ali residir. Homem de personalidade marcante e bem conhecida na região, natural de Agustias, Portugal, foi nomeado para o cargo em 1747 no qual ficou até 1750, período em que esteve na residência oficial destinada aos ouvidores.

Rita Mier

FAU USP

O simbolismo dessas belas flores

Luiz da Fonseca Oliveira Seixas foi um protagonista incógnito nos 450 anos de portugueses no Rio de Janeiro. Porém, a sua história permanece viva na memória da minha família. Em 1872, chegou com 6 anos ao Rio e jovem ingressou na Fábrica de Malas do conterrâneo José de Seixas Magalhães. De mero empregado passou a sócio e a proprietário único.

Membro do Grémio Republicano Português e 1º Procurador da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, Luiz dirigiu com sucesso a Fábrica Fonseca Seixas, com malas premiadas nas Exposições Mundiais de Viena(1873), Paris(1889), Chicago(1893) e Rio de Janeiro(1922), na qual foi júri. Mas quem era esse patrão, sócio e tão amigo José, que até doou a Luiz seu apelido Seixas? Foi o criador do Quilombo de Leblon! No seu aniversário de 1887, Seixas reuniu abolicionistas como Nabuco e Clapp...e lá estava o anônimo Luiz da Fonseca, lutando também pelo feito que se concretizaria um ano depois:a lei áurea assinada por D.Isabel, a Princesa das Camélias. Assim descobri o simbolismo

dessas belas flores que ainda hoje florescem no jardim da casa “estilo brasileiro” construída por Luiz em Portugal e onde, narrando estas memórias, viveu até 1947 com a mulher austríaca e a filha carioca - a minha bisavó.

Robertha Pedrosa Triches Ribeiro

Colégio Pedro II

Um autor português no teatro carioca: o caso de José Augusto Correia Varella

Este trabalho busca apresentar a trajetória do imigrante português José Augusto Correia Varella no teatro carioca das primeiras décadas do século XX, discutindo como se deu o seu processo de inserção no campo teatral no Brasil e conseqüente reconhecimento de seus pares como um dos melhores comediógrafos nacionais dos anos 1920, a despeito de sua origem portuguesa. Para isso, abordaremos, inicialmente, a experiência desse imigrante como ator no Brasil, destacando a sua atuação no Recreio Dramático Juventude Portuguesa, a sua passagem e formação pela Escola Dramática Municipal e a sua participação no teatro profissional carioca, através de algumas companhias teatrais. Em seguida, analisaremos a estreia de Correia Varella como autor teatral, durante o concurso “A Alvorada dos Novos”, promovido pelo grupo Trianon, em que o seu vaudeville O Outro André foi exaltado, pela crítica e pelo público, como a melhor peça da temporada. Nosso objetivo é compreender as razões do sucesso da peça, em um contexto de fortes críticas ao teatro de comédia, bem como os motivos que o levaram a ser consagrado como um comediógrafo brasileiro, mesmo conhecendo-se sua verdadeira nacionalidade.

Ronaldo Vicente Pereira

FGV RJ

O neoclassicismo na cidade imperial e a relação com o baronato na cidade de Vassouras

Este artigo faz uma análise do Neoclassicismo implantado pela corte imperial na cidade do Rio de Janeiro e sua relação com o baronato na cidade de Vassouras no Vale do Paraíba Fluminense.

Quando a Corte Real portuguesa chega ao Brasil em 1808, e esta trouxe consigo um grande número de europeus, o Rio de Janeiro, sofre uma europeização em seu cotidiano social, pois até então, a Colônia tinha em Portugal, a fonte de sua cultura, mas com a Europa sofrendo o ataque das tropas napoleônicas, a França, nação de Napoleão Bonaparte, ocupa o cenário de grande centro cultural de todo o mundo, exportando modelos e filosofias de vida por toda a Europa até a América. D. João VI e sua comitiva europeia trouxe para Colônia toda essa “bagagem” cultural de uma Europa moderna e industrializada, implantando aqui produtos, valores, costumes e modismos, como os “francesismos e maneiras” principalmente das senhoras da Corte com sua forma de cumprimentar à francesa, vestir-se, comer ou tocar piano à francesa. (FREIRE, 1977).

É nessa nova ordem cultural, que transformações ocorrem em várias áreas da sociedade Imperial, inclusive na Arquitetura, e no Rio de Janeiro, um novo estilo começa a surgir no início do século XIX, o Neoclássico, que tem na Missão Artística Francesa sua maior divulgação. O agente transmissor deste estilo é a Academia Imperial de belas Artes, em um primeiro momento com o arquiteto e professor, membro da Missão Artística Francesa Grandjean de Montigny e posteriormente com seus discípulos, que irão erguer obras monumentais.

Com o crescimento populacional do Rio de Janeiro e o surgimento dos meios de comunicação e transporte, a necessidade de abastecimento da Corte portuguesa na capital fez com que as terras, antes proibidas, fossem ocupadas por grandes fazendeiros. Uma dessas terras foi o Vale do Paraíba (OLIVEIRA, 2011). É nesse contexto de ocupação do Vale do Paraíba Fluminense que começa a cultura cafeeira em Vassouras. Em meados do século XIX, a produção de café do estado de Rio de Janeiro concentrava-se na região do vale do rio Paraíba (...) Naquela época, o atual primeiro distrito do município de Vassouras correspondia à antiga paróquia de Nossa Senhora da Conceição. Em 1833 o vilarejo de Vassouras tinha sido elevado à categoria de vila e escolhido como sede do município (RAPOSO, 1935).

O que constituía a base da estrutura social da paróquia na região de Vassouras eram as grandes fazendas de produção de café. Considerada como unidade social e produtiva, segundo Stein, a fazenda proporcionava o contato entre todas as classes da sociedade de Vassouras: os fazendeiros e seus escravos, os atacadistas e varejistas, advogados, médicos e os pobres livres (STEIN, 1990).

Esses fazendeiros eram conhecidos como “Barões do café” e passam a exercer uma influência muito grande na região, o gosto pelo luxo e a ostentação se mostram desde a alimentação à forma de vestir, da quantidade de empregados ao tamanho da residência, Pelo tamanho e qualidade dos espelhos que ainda hoje brilham nas fazendas de Vassouras, podemos avaliar o amor que se desenvolveu em todo o município pela arte do bem vestir. (RAPOSO, 1935).

Essas residências como, por exemplo, as fazendas de café do município de Vassouras seguem padrões próprios e tentam aproximar-se das residências da Corte, onde o estilo Neoclássico estava na moda e que era quase todo feito de importações. Longe do grande centro, as residências provincianas eram simplificadas e trazem características herdadas do período colonial e pela falta de mão de obra especializada, eram feitas por escravos. É no seu interior que mais se aproximam das residências da corte, pois graças à cultura do café e

a figura do Barão, desenvolvia-se uma vida social muito intensa.

Rute Cunha de Farias

UFCG

A crônica cotidiana presente em Floreal: o RJ dos primeiros anos da República

De acordo com Nicolau Nicolau Sevcenko (2003), os textos de Lima Barreto apresentam uma força crítica, combatente e ativista, fatos que tornam a sua escrita uma missão em virtude de sua constante tomada de posição e engajamento. Acrescenta ainda o autor que temas como questões raciais, sociais, políticas e econômicas sempre estão presentes na produção do autor de Os Bruzundangas. Com base nas afirmações de Sevcenko (2003), propomos estudar os 4 números do Revista Floreal, periódico pertencente a Lima Barreto, que circulou no Rio de Janeiro entre outubro a dezembro de 1907. Buscaremos ver em que medida o engajamento a que o crítico se referiu está presente também nas páginas do periódico. Deste modo, podemos observar presente nas páginas deste periódico diversas questões pertinentes ao fazer artístico tendo em vista o papel social do escritor e, além disso, todas as questões que envolviam a capital do país naquela época e que foram denunciadas pela pena arguta de Lima Barreto.

Sabrina Sedlmayer

UFMG

Notícia breve ao silêncio completo: a antologia *Poetas novos de Portugal*, de Cecília Meireles

O presente trabalho pretende abordar a noção de patrimônio na primeira antologia de autores modernistas portugueses no Brasil, publicada em tempos salazaristas, durante a II Guerra Mundial, especificamente em 1944, organizada pela poetisa carioca Cecília Meireles e as suas ressonâncias na recepção contemporânea.

Mais do que pontuar o caráter inaugural e difusor, pretende-se estudar as tensões que se abrigam nessa obra: a impossibilidade de uma escolha totalizadora (da época, da geração, do assunto, do grupo, do estilo) junto à necessidade, mesmo que contingente e precária, de efetuar uma amostra representativa e exemplar, capaz de vencer distâncias culturais, espaciais e temporais.

Analisar-se-á o corpus, as condições de produção, o papel do editor (Jaime Cortesão encontrava-se no Brasil como intelectual exilado), o impacto dessa antologia em solo brasileiro, especificamente no Rio de Janeiro, ao sondar o diálogo dessa antologia entre poetas portugueses e brasileiros, ampliando a discussão para o conceito de “novo” proposto por Cecília cotejando-o com o conceito de contemporâneo.

Sara Vasconcelos Ferreira

UFPA

A circulação de prosas embrionárias das cartas de Fradique Mendes n'A *Província do Pará*

Fradique Mendes apareceu pela primeira vez como um poeta inovador nas páginas de *A Revolução de Setembro*, em 1869. Resultado de criação coletiva, posteriormente foi retomado por Eça de Queirós que lhe escreveu uma biografia e reuniu suas cartas particulares, publicadas na obra *A Correspondência de Fradique Mendes* (1900). Entretanto, parte das cartas reunidas para a publicação da obra em volume é resultado de uma adaptação de prosas veiculadas nos jornais brasileiros e portugueses, há cartas que foram reescritas ou revisadas, algumas delas associadas a Fradique Mendes, outras, veiculadas na imprensa sob a assinatura de Eça de Queirós. Na última década do século XIX o autor português escrevia para a *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, e *A Província do Pará* procurava aproximar seus leitores da capital da recente república e, para isso, divulgava as notícias da política, notas críticas, artigos e, também, a ficção veiculada na folha fluminense. Entre as republicações, encontramos as prosas embrionárias das cartas de Fradique Mendes. O objetivo desta pesquisa, portanto, é estudar a circulação das “fradiques” no jornal paraense e abordar sobre o caminho traçado entre Portugal, Rio de Janeiro até a publicação n'A *Província Pará*.

Sergio Prates Lima

UERJ

Ética Protestante Tropical: Família, Fé e Fábrica – A Trajetória de José Luiz Fernandes Braga e a Fábrica de Chapéu Manguieira

Esta comunicação tem como objetivo apresentar o industrial português José Luiz Fernandes Braga, proprietário da Fábrica de Chapéu Manguieira, e também o início e o

desenvolvimento de uma atividade fabril de chapéus na cidade do Rio de Janeiro, cuja existência esteve muito relacionada às imigrações de Portugal para o Brasil, na segunda metade do século XIX. Neste trabalho o foco é o bracarense José Luiz Fernandes Braga, que trouxe a experiência do fabrico de chapéus de Braga para o Rio de Janeiro, tendo criado a empresa Fernandes Braga & Cia, substituída depois pela Fábrica de Chapéu Mangueira. José Luiz Fernandes Braga veio para o Brasil aos dezesseis anos, para empregar-se na pequena fábrica de chapéus de um de seus irmãos. Após se converter ao protestantismo, José Luiz foi demitido, encontrou outra atividade e retornou à fábrica tempos depois, mas sem trabalhar aos domingos. Com o retorno a Portugal do irmão mais velho, assumiu a fábrica, com dinheiro emprestado pelo pai e se tornou o único proprietário da pequena indústria, que funcionou por cerca de cem anos (1857-1966).

Este trabalho é parte de uma pesquisa de doutoramento em andamento no PPCIS da UERJ, em Ciências Sociais.

Sílvia Rodrigues Jardim

UFRJ

A Venturosa no Rio de Janeiro: de 1998 a 2008

Quase 600 anos após ter sido encontrada pelos navegadores portugueses em 1418-19, havia a Madeira enquanto Região Autônoma de ser representada na Exposição Mundial (Expo 98) em Lisboa que celebrou os mares e os descobrimentos portugueses. Para tal missão Leandro Jardim esboçou cinco toalhas-monumento. Lusa, Quíloa, Venturosa, Zanzibar e Calicute competiram diante de comissão governamental para receber o bordado afamado. A Venturosa venceu, com seu estilo gótico-manuelino das esferas armilares e dos cabos, que içando velas e âncoras, dobraram as Tormentas, venceram o gigante Adamastor, levando Portugal e Europa a riscar e bordar o tecido do novo mundo.

Em 2008, o Real Gabinete Português de Leitura patrocinou a exposição dessa peça histórica em sua Sala dos Brasões e promoveu uma mesa redonda sobre a temática do encontro do bordado com as letras. O presente trabalho trata do percurso dessa peça em bordado da Ilha da Madeira, que pertence ao Instituto de Bordados, Vinhos e Artesanatos da Madeira (IBVAM), desde a sua criação até a sua visita ao Rio de Janeiro em 2008.

Simone de Souza Braga Guerreiro

UERJ

A possibilidade da utopia em "A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro" de Rubem Fonseca

No conto *A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro*, de Rubem Fonseca, encontramos Augusto, o personagem andarilho que se projeta no tempo tanto para um passado nostálgico quanto para um futuro utópico. Por meio de suas andanças pelas ruas da cidade ele observa um mosaico de acontecimentos de um Rio de Janeiro que tanto o fascina. Este trabalho tem como objetivo analisar como o escritor Rubem Fonseca, através do personagem Augusto, constrói uma nova concepção da cidade. O autor nos oferece um personagem que possui um projeto: escrever um livro sobre a cidade do Rio de Janeiro e, para isso, registra um mundo fragmentado e mobilizado pelo consumo e pela informação. Porém, dentro deste contexto, o personagem deseja tornar visível e, principalmente, legível, o lado marginal da cidade, numa postura que não é a da indiferença, mas de comunhão e integração. E assim, resiste à destruição de tudo. Num mundo onde aparentemente não cabe nenhuma utopia, podemos dizer que a atitude de Augusto representa uma resistência utópica e nostálgica. Utópica, porque sonha, deseja uma cidade compartilhada, integrada; nostálgica porque, através de suas andanças, ele também busca resgatar a memória da cidade e a sua própria memória.

Tatiana Prevedello

UFRGS

Do Rio de Janeiro a Portugal: evocações memorialísticas e territoriais na lírica de Cecília Meireles

A ascendência portuguesa de Cecília Meireles, nascida no Rio de Janeiro em 07 de Novembro de 1901, sempre representou motivo de evocações líricas no desenvolvimento de sua atividade poética. Esse aspecto incorporou-se ao trabalho artístico da autora por intermédio do relato das memórias ancestrais, as quais povoaram seu imaginário desde a mais tenra infância, pelas viagens realizadas ao país de origem e nas relações firmadas com escritores e intelectuais portugueses. A cidade do Rio de Janeiro, berço de Cecília Meireles e onde passou a maior parte de sua vida, foi o local em que, por meio das reminiscências familiares de imigrantes açorianos, ocorreu o resgate das tradições que marcaram a origem de sua inserção na poesia e a expansão de seu "eu" artístico, o qual sempre se manteve ligado com a sua ancestralidade portuguesa. Nessa perspectiva, o propósito da presente comunicação é examinar, na lírica da autora, aspectos que remetem as representações de Portugal, manifestados em seus deslocamentos memorialísticos e territoriais ao país que, na relação com Brasil, imprimiu marcas fundamentais na cidade do Rio de Janeiro e na criação artística de uma das maiores vozes do lirismo contemporâneo.

Teodoro Koracakis

UERJ

Circulação e recepção da Biblioteca Internacional de Obras Célebres no Rio de Janeiro do início do século XX

A Comunicação pretende prosseguir na análise da coleção de livros intitulada Biblioteca Internacional de Obras Célebres, iniciada no Colóquio anterior. Formada por 24 volumes, foi editada em Portugal em 1912 e circulou em Portugal e principalmente no Brasil a partir do ano seguinte. Esta apresentação se deterá na circulação e recepção da obra na cidade do Rio de Janeiro e o seu impacto nos escritores, intelectuais e público em geral.

Ulisses da Silva Fernandes

UERJ

Imigrantes gafanhãos da ria de Aveiro ao rio Jequiá: similitudes e interações entre duas distintas paisagens culturais

O objetivo do trabalho é analisar a interação de imigrantes oriundos das Gafanhas, povoados contíguos à ria de Aveiro, em Portugal, com o ambiente-paisagem no qual se inseriram, a Colônia de Pescadores Z-10, junto ao rio Jequiá, Rio de Janeiro, Brasil. Guarda como recorte temporal as reminiscências de imigrantes oriundos das Gafanhas e estabelecidos na Colônia de Pescadores Z-10 a partir da década de 1950 aos dias atuais.

Metodologicamente utiliza a história oral, a partir de entrevistas com imigrantes desta época, buscando reconstituir as práticas de vida difundidas na nova área de ocupação e estabelecendo parâmetros de comparação com as praticadas na área de origem dos mesmos. Guardadas as devidas proporções de escala e contexto, observa-se uma similitude nas dimensões do ambiente-paisagem referente aos dois recortes empíricos de estudo.

De todo modo, objetivar uma análise que intenta identificar práticas diversas, desde as produtivas às sociais, pode alcançar como resultado o entendimento da história ambiental, associada à história oral, enquanto ferramenta vital para a compreensão da indissociabilidade entre cultura e natureza na construção do que se pode modernamente chamar de paisagem cultural.

Valéria Alves Esteves Lima

Universidade Metodista de Piracicaba

Portugueses nas origens da Academia Imperial de Belas Artes

Fundada oficialmente em 1826, a Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro é resultado das inovações operadas na cidade após a transferência da Corte portuguesa e um marco das mudanças advindas com a independência do Brasil. Assim como em outras esferas na capital do novo Império, a Academia foi polo de desentendimentos entre portugueses e brasileiros, em disputas que implicavam, também, os artistas franceses ali chegados em 1816 e envolvidos com o projeto de organização de uma escola de artes e ofícios na cidade.

Antes mesmo de sua abertura oficial, a instituição começara a funcionar, resultado de contínuos decretos lançados pelo governo joanino. Em 1819, após a morte de Joachim Le Breton, responsável, até aquele momento, pelos atos diretivos da instituição, foi empossado no cargo o pintor português Henrique José da Silva. Seu nome integra a “Relação das pessoas empregadas na Academia e Escola Real, estabelecida na Corte do Rio de Janeiro por Decreto de 23 de novembro de 1820”, figurando como Lente de Desenho e como “encarregado da diretoria das aulas”. Esta comunicação visa explorar a relação entre portugueses, brasileiros e franceses no interior da Academia de artes carioca, no período inicial de seu funcionamento (décadas de 1820-1830).

Vanda Anastácio

Universidade de Lisboa - Faculdade de Letras

Uma nova "Terra Prometida"? O Rio de Janeiro entre 1808 e 1814

Quando a Corte portuguesa embarca para o Rio de Janeiro, as principais figuras da nobreza de corte embarcam com ela.

Mas os aristocratas que ficaram em Portugal, os que fugiram de Portugal para escapar à violência da guerra, e ainda os que fugiam de França, fugindo da violência revolucionária, se exilaram em Londres, viram Rio de Janeiro como uma espécie de "terra prometida", onde seria possível recomeçar a vida sob a proteção de um monarca soberano e magnânimo.

Nesta comunicação propomo-nos explorar essa imagem da cidade do Rio de Janeiro da Corte imperial a partir de documentos da época.